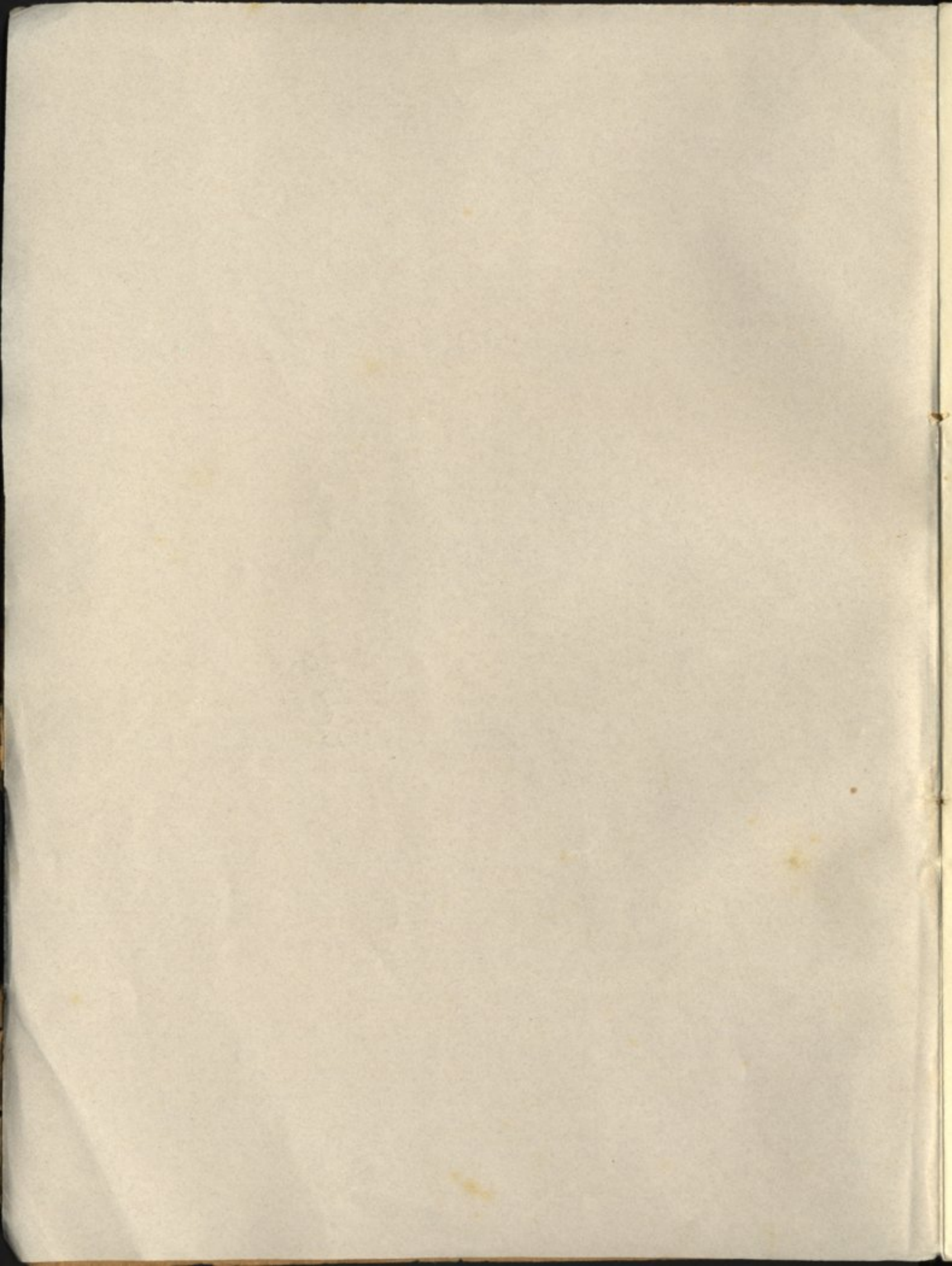


Memorias

Diario ao correr da pena

Vol.^o

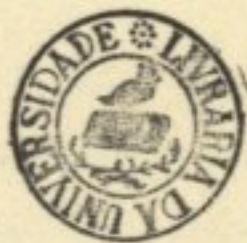




Memorias

Diario ao correr da peua

Vol.^o



Memoirs

Journal de la carrière de Jans

1782



« Avant que ces souvenirs
s'effacent, je voudrais les escri-
re. 1933=1937

Paul Bourget: Le pays de la
montagne, cap. 1.

P

EXHIBITS (1)

1933-1937

P

1933

« Avant que ces souvenirs
s'effacent, je voudrais les escri-
re. »

Comme on a vu les quatre dies — a
comencem y Paul Bourget: Le secret de la
mer, cap. I.

Vrai o vero todo a chover?

Hoje fui a um fotografo local para
fazer o retrato para cartao de identidade
civil. Harris no esta trabalhando nesta
ocazao que darai de novo para o meu
trabalho. E a que eu deixo essa ocu-
pao?

Eu deixo ao facto de euo 60 a tau.
Os padres jesuitas que estao no hotel da
Praia, de Curitiba - os Pais da casa tambem
tirado o retrato para cartao de identidade.
E a graca era recebida pelo aviso que
Kuarara de que a policia iria la no dia
6, depois de amanhã, verificar a legalidade

«Adieu, je vous aime»
à l'effort, je voudrais la voir.
ne s.

Paul de la Tour: la tour de la
mont, est.

— 1933 —

Penafiel:

Janeiro: 4.

Comecou o ano ha quatro dias — e
começou por um dia de chuva feroz
e constante.

Vai o ano todo a chover?

Hoje fui a um fotografo local para
tirar o retrato para cartao de identidade
civil. Havia no estabelecimento certa
azáfama que daria demora para o meu
trabalho. E a que era devida essa azáfama?

Era devida ao facto de uns 60 e tantos
padres jesuitas que estão no hotel da
Torre, de Entre-os-Rios terem tambem
tirado o retrato para cartao de identidade.
E a pressa era motivada pelo aviso que
tiveram de que a policia iria lá no dia
6, depois de amanhã, verificar a legati-

dade dos cavalheiros p.^o feitos da regulamentação da permanência de estrangeiros no País.

Isso envi eu aos fotógrafos que falavam livremente uns com os outros sobre os trabalhos, sem se preocuparem com a m.^a presença.

Vê-se, pois, que os jesuítas espanhóis estão a legalizar a sua situação dentro dum país onde a Companhia já foi expulsa creio q. tres vezes. Os jesuítas espanhóis, fugidos á republica da sua terra, estão a tirar cartões de identidade...

Mais nada.

Penafiel.

Janeiro: 24.

Voltéi de Coimbra em 19, ainda em pouco combatido de angina que lá me surpreendeu. E já hoje posso deixar aqui consignado um caso curioso.

Em 21 á tarde, o brigad.^o Schiappa de Azevedo telefonou-me para o quartel e pediu-me para eu ir ao Porto falar-me.

Figurei intrigado com a solicitação mas pensei em tudo mesmo no verdadeiro motivo.

Fui lá hoje. Entrei no gabinete do chefe do Estado-maior, o coronel de Artilleria João Crispiniano Soares, meu condiscipulo em Coimbra e contemporaneo na Escola do Exercito. Recebeu-me com certo ar superior, até ar de protecção q. me desagradou. Depois de me fazer esperar muito tempo, com o despacho da papelada official, disse-me que o Crispiniano estava doente e me não poderia falar, mas que ia saber « se me poderia dizer o que o Crispiniano me queria... »

O ar do Crispiniano Soares, a forma como me disse isto, deu-me uma suspeita... Fiquei de pé atrás.

Dai a pouco levou-me para o gabinete dos ajudantes — onde tres tenentes pontificavam em grande cerimonia, sentando-se, fumando, num á vontade bastante exquisito.

Enfim, pouco depois, o coronel chamou-me e levou-me p.^o o gabinete do Crispiniano e disse-me então que no ultimo sabado, 21, o ministro chamára pelo telefone o command.^{te} da Região e lhe perguntara, bastante apressado e precipitado, o que havia em Penafiel a respeito do regimento e em especial a meu respeito; que dissera que estava enfermo

4

do de que eu era agente conspiratório entre Benafiel e Coimbra e que, por suas sequencias, disse ele, commandante da Região do que se tratava; continuou o Soares a dizer que o Schiappe afirmára que as minhas idas a Coimbra eram do seu conhecimento e nada tinham de suspeitas e que quanto á m.^a acção em Benafiel se responsabilizava eu voluntariamente.

No entretanto, terminei, o beijadeiro, pelo sim e pelo não mandei-me chamar p.^o eu lhe garantir se fizera bem ou mal em se responsabilizar por mim.

Então ficasse surpreso com o caso, ouvi com serenidade; sorri-me ~~superiormente~~ superiormente, e fingido-me exaltado, desatei a dar p.^o baixo na policia politica e perguntei quem fizera a accusação e quais os pontos concretos.

O Soares, com o seu ar superior e o olhar obliquo de desconfiado, fez um gesto vago. Eu continuei a carregar mais o quadro e terminei:

— Que diabo! Em Coimbra, no meu ambiente, entre os amigos, nunca me incomodaram. Agora, em terra onde não conheço ninguém, onde vivo sozinho, sou assim vexado! Já é querer sacrificiar a familia portuguesa!

O Soares quiz justificar a informação; aludiu vagamente á necessidade de haver uma policia "de informações," e deu-me a impressão de que estava commencido de que essa policia falava a verdade e... de que não acreditou em nada do que eu lhe disse. Por fim, concluiu por me perguntar se poderia dizer ao brigadeiro que eu garantia a sua afirmação; eu respondi:

— Diga ao sr. brigad. que lhe fico muito e muito obrigado pela sua attenção que não esquecerei, tanto mais que não estou habituado a attitudes dessas; pode dizer-lhe que o não deixarei ficar mal. Discordo da ditadura por questão de principios, por educação, por temperam.^{to} e mesmo por cultura; as ideias não se podem impor e o sr. brigadeiro foi o primeiro a dizê-lo quando me mandou chamar, a seguir ao triumpho do movimento de 28 de Maio p.^a me fazer saber que nada tinha com as minhas opiniões. Mas quanto a conspirações, não me vieto com feitiço p.^a isso nem a m.^a vida anterior justifica tal orientação.

E terminei por dizer que ainda o metter de tudo peris acalar com a policia "de informações," que afinal parece que só vê o que não existe e deixa sair as revo-

luções p.^a a sua perante a surpresa de toda a gente...

Não garantiu que isto seja reprodução ipsis verbis, mas é quasi.

O Soares, nesta altura, fez menção de se levantar e objectou-me:

— Está muito bem... Mas não é só não conspirar; é necessario que você garanta que está pronto a reprimir qual quer tentativa...

Eu corri-me:

— Sim, é verdade. As minhas palavras não disseram tudo...

É enojado já pela attitude que presenciei nele, conclui, com franqueza, já de má fé, como ele evidentemente estava:

— ... jodiam-se tomar algum partido incompleto. Mas a repressão de uma tentativa revolucionaria depende do ardor e essas ardor, de certo, serão legitimas e dadas por quem de direito... É claro que nós vivêmos numo engrenagem em que todas as rodas precisam de andar ligadas e bem unidas...

E por aqui fôra, com certa exuberancia de palavras, misturando alhos com leupalhos... Mas não respondi clara.^{te} é observação! E aproveitando o movimento que ele fizera pouco antes para

7

se levantar, levantei-me e procurei
acalmar com a situação:

— Bem, eu estou a tomar-lhe o tem-
po e você tem mais que fazer. Peço-lhe
para agradecer muito ao sr. tripadeiro e
lhe digo que fico muito reconhecido.

E cá fóra, na escada, já a despedir-me,
conclui:

— E olhe, coronel, quanto á policia
"de informações", o que lhe digo é que se
eu conspirasse, garanto-lhe que ele não
daria por isso...

E reparámos-nos a rir com esta la-
racha. E eu vim para a rua com a
impressão de nojo que me causou o ar
com que ele me falou, a defesa que fez
da policia "de informações", e o silencio q.
mantive quando eu lhe perguntava se
não devia falar a amigos pelo facto de
serem contrarios á situação politica; se
eu devia mudar de ideias porque um
alferes qualquer me denunciava como
periposo; se a ditadura se impunha por
estes processos são mesquinhos, etc. etc.

Vim enojado p.^a a rua. Dei uma vol-
ta por uns alfarrabistas; tomei ché com
terradas e fui ocupar o meu lugar na
carriquette que me pôz a pão e salto nes-
ta boa terra de Penafiel.

Pernafiel.

Janeiro : 28

O caso de que tratei anteriormente está mais ou menos esclarecido.

O Diabo colere por um lado e nem a descubrir por outro. E aqui fica em resumo o que, desde 24 até hoje, conseguí averiguar acerca das prováveis razões da reunião chamada ao Porto.

O coronel Iglesias, por varios motivos justificados conseguiu pôr daqui para fóra um certo alferes Braga creatura moral e fisicamente ordinaria. Este alferes foi para Lamego, colocado em Infantaria 9, ha quasi um ano. Era, parece, o official da policia "de informações", aqui e continuou a sê-lo não só em Pernafiel como tambem naquela outra cidade; e apesar de official da classe de sargentos e um poluetano sem ter ainda caido morto, possui hoje autorivel no qual nem todas as semanas aqui reunir os elementos informativos que lhe darão os seus esboços e conferenciar com o dirigente da União Nacional, um certo Manuel Barbosa — «Mauecas» Barbosa por alcunha.

Além disso, o tal alferes, segundo todos aí contam, jurou virar-se do coro-

nel Iglesias e do regimento que lhe vol-
tara as costas pelo referido procedimento ante-
rior. Etc. etc.

Paralelamente a isto, foi colocado em
Lamego, como 2.^o command.^{te} do regimento
n.^o 9, por efeito de promoções, um tenente-co-
ronel Marcelino Monteiro, videirinho que
tem vivido no Porto, creature de poucos es-
crupulos e que anda arreliado por estar
tão longe da casa. A m.^o rapa em Pen-
fiel, por consequencia, couvinha-lhe muito
e já me mandou sondar ha tempos
pelo major Parada Leitão com quem se en-
contra m.^o vezes no caminho de ferro.
E como é homem de todas as situações e,
nesto momento, sustentáculo da actual,
acrescentou q. faria o possível para obter
p.^o mim outra boa colocação.

Ora este tenente-car.^{al} e o dito alferes
Braga, estão em Lamego juntos, ambos
arreliados, contrariados, etc. etc.

E para moralidade, basta acrescen-
tar que o major Parada Leitão me infor-
mou confidenciaalmente de que em Lame-
go se sabia que eu seria chamado ao Quar-
tel-General; que, no comboio, o Marce-
lino Monteiro, no sabado 21 do corrente, dis-
sera que havia qualquer coisa a meu res-
peito, que se iria dar a minha rapa em

Infantaria 6 e que ele ia trabalhar para me substituir, etc. etc.

Contudo e de certo para dar a impressãõ do contrario, espalháramos que a minha chamada ao comando se ligava com o plano do ministro da Guerra querer deixar a terra o Salazar e, por consequente, querer tratar de arranjar comandos de confiança... E assim eu sei o futuro comandante de Inf.^a n.º 6 e que o Iglesias por merecer meus confianças, iria comandar Infantaria n.º 9.

Como se vê, tudo muito bem pensado. E aqui deve estar a explicaçãõ de sustentada.

São uns inocentes.

Pernambuco

Fevereiro : 12.

Metido no quarto com um ataque de "grippe", regosijei-me hoje ao ter a apresentação q. o general José Vicente de Freitas fez á Presidencia da Republica acerca da marcha da ditadura e da futura constituição.

O documento tem feito e escrito, segundo julgo, pelo advogado Antonio Osorio. O unico comentario q. faço e' que o general não tem autoridade para apresen-

tar tal documento — ele que foi o mais
truculento e duro ministro deste periodo
de quasi sete annos!

Mas enfim, os galos jogaram as cris-
tas. Vamos a ver qual deles fica com a
derrubada.

Penafiel.

Fevereiro: 14.

Noticiam os jornais de hoje que o mi-
nistério demittiu o gen.º José Vicente de
Freitas da presidencia da Câmara de Lis-
boa. Está a guerra declarada.

Esperêmos pelo que dão as basófilas
do illustre general.

Ha dias um jornal de terra deu uma
noticia que veio levantar o véu ao re-
grêdo que eu tinha imposto mas que foi
difícil manter. Trata-se de representações
da m.ª Ceia dos Generais por um grupo
de sargentos da guarnição. Mas a lin-
gua desta gente é que se vê que não tem
grande coabinecia.

O caso veiu no n.º 360 de O Povo de Pe-
nafiel do dia 5 do corrente. Este periodico
é ainda orgão do partido "democratico" em
Penafiel e manteu no cabeçalho esse qua-
lificativo. Na noticia, pois, ha alguma coi-

za de amavel por ser eu quem sou...
E' pena não saberem o titulo da peça para
o regredo ficar descoberto por completo.

Segue a noticia:

« 9 de Abril. — A distinta e digna
corporação dos sargentos de Infantaria 6
promove, neste dia, no Cine-Club, uma
recita de gala comemorando assim o tri-
thaute feito de armas do glorioso exercito
portuguez. — Essa recita abrirá com
uma peça, cujo titulo por hora desconhecê-
mos, de autoria do distinto homem de let-
ras, sr. Tenente-coronel Belisario Di-
nheita. — O desempenho é feito por
um grupo de sargentos e a orquestra di-
rigida pelo distinto chefe da banda de In-
fantaria 6, sr. Tenente Pires da Cruz. —
Com tais elementos não é de estranhar
que essa festa verdadeiramente patrio-
tica resulte trithautissima. »

Pernafiel.

Fevereiro: 16.

O clima em Pernafiel é tremendo.
Não sei o que é sair à noite. Durante o
dia, variabilidade enorme de temperatura
e vento rijo insupportavel ora de um ora
de outro quadrante.

Foto assim não vai bem. Estou a ver
que necessito duma re redoma...

Coimbra.

Fevereiro: 27.

Ues dias de licença em Coimbra. Car-
naval civilizado, segundo as gasetas. É
tempo de chuveiros para intervalar com
os folguêdos do outono.

É uma apatia enorme perante a
perspectiva duma constituição que vai
ser aprovada pela unanimidade do electora-
do! Perante esse acontecimento não ha
uma irritação: ha o acolher de outros
desdeenhos, de indifferença!... Parece que
a toda esta gente tanto se lhe dá como se
lhe deu; que seja Salazar ou não — é tu-
do o mesmo!

É esta attitude do Vicente de Freitas q.
poderia ser mesmo interessante de recon-
sideração, foi acolhida com sorrisos e com
despesso.

Uas será isto a tal "afogada e vil
Xristese"?

Coimbra:

Março: 4

Sloje, o ministro da Itália em Lisboa
veiu aqui á Faculd. de Letras inaugurar

o Instituto Italiano anexo á dita faculdade.

Ao entrar no atrio do edificio que estava apinhado de estudantes, saudou a multidão com o gesto fascista de levantar a mão direita e o grito á noi!. Os rapazes em unisono responderam á saudação e levantaram o braço e entoaram o mesmo á noi!

Isto na presença do reitor, do director da faculdade e dos respectivos professores.

Aqui fica a nota p.^a que se saíra um dia — se valer a pena saber-se.

Perafiel.

Marco: 6.

Deixei-me em Perafiel... Desde as 2 horas da manhã.

Até quando?

Perafiel.

Marco: 14.

O Tomás da Fonseca annunciou-me, em carta, que a m.^a conferencia acerca de Neumaturos está impressa e pronta para ir para as livrarias. Porém... antes disso, teve que ir á censura de Lisboa.

Espera-se que o opusculo não vá para o index. No entretanto, nunca

fiando no espirito liberal e na generosidade das censureas.

Escrevi-lhe uma carta bem humilde e agradeci-lhe o interesse que a conferencia lhe mereceu. Na vert.^a, se não fosse o Tomás, o trabalho ficaria manuscrito na gaveta.

Penafiel.

Março: 16.

Hoje, em encomenda postal, chegaram-me os primeiros 25 exemplares da me.^a conferencia Nunes tuares, chefe militar. E' sempre com satisfação que recebo qualquer trabalho meu impresso.

Vaidade?... Será, será. E com este a satisfação foi maior porque me parece que dará certo trabalho.

Em Coimbra disseram-me que os reaccionarios tauvam a conferencia, alegando que eu me confinei apenas na parte militar e não ataquei a vaidade do heroi. Ora isto é pura especulação para lançar poeira aos olhos dos ignorantes — pois exactamente o que eu ataco é a vaidade do heroi fazendo de Nunes tuares um homem.

Os processos deles são sempre os mesmos; e agora, com a publicação da confe-

reunia deverão notar que os seus lauros não são inúteis.

Mas a censura deixará passar?

Estou com certa ansiedade em o saber.

Mas esperarei com paciência o veredictum desse supremo Tribunal.

Com a recepção da encomenda, chegaram-me notícias de que, nesta noite passada, começaram em Penafiel as prevenções e os toaños.

Estes, quasi todos, não têm consistência mas o que parece certo é que lá por cima ha coisa grave.

Ainda ha dias o coronel me mostrou uma confidencia do commando da Região em que o brigadeiro Schiappa de Azevedo pedia a opinião sobre uma representação que ele entendia que o exercito deveria entregar ao Salazar, assinada pelos commandantes das unidades. Nessa representação se devia garantir o repudio formal de tentativas de alterações do statuto quo e esta garantia era devida ás afirmações vindas ao publico produzidas por muito importante na actual situação politica e que se deveriam destruir.

Em resumo: o Schiappa queria garantir ao Salazar que o exercito repudia

va as afirmações ou propostas do general José Vicente de Freitas.

Ora o que se teria passado não se sabe. O certo, porém, é que dias depois veio outra confidencial dando seu efeito a anterior e informando de que este, tripadeiro, falará particularmente sobre o assunto com o presidente do ministério quando este vierse ao Porto.

Isto parece querer dizer que os comandantes das unidades não responderiam favoravelmente e o tripadeiro iludiu a negatiba com a segunda confidencial.

Será assim?

Nesta trapalhada politica actual tudo é possível. Mas do que não tenho duvida é de que a Camp.ª de Jesus nela zelosamente sobre nós todos...

Penafiel.

Março: 17.

Num jornal da terra O Tempo, no n.º 6 do anno IV, datado de hoje, vem a seguinte noticia, na secção relativa a espectaculos na localidade:

« No Cine-Club, nos dias 9 e 11 de abril a corporação dos sarpeiros desta guarnição patrocinada pela direcção de Ligeiros do Com.

batentes da Grande Guerra, levará a' cena a opereta em 3 actos « O Filho da Republica » e a peça « A coisa dos generais » da autoria dum consagrado escritor militar aquartelado nesta cidade. — O produto desta recita revertê a favor do cofre de pensões das viúvas, orfãos e militares da grande guerra. »

Deixo a noticia arquivada por causa da frase consagrado escritor ... aquartelado do nesta cidade.

É' completo.

Pernafiel.

Marco: 18.

Recebi hoje noticias do Tomás da Fouseca. A censura autorizou a publicação da minha conferencia!

Foi amavel...

Pernafiel:

Marco: 19.

Estão no quartel de presenças, dia de eleições. A Constituição está a ser aprovada por unanimidade, pelos 100% dos electores.

Vejo passar grupos de homens do povo das aldeias para os lados da Câmara;

não sei se não p.^a as missas e festa de S. José que hoje aí se realiza, se para a assembleia de voto. Quer p.^a uma vez para outra, não, citados, como bons eceravos.

E eu, graças á magnanimidade do decreto eleitoral, não terei trabalho: sei que a esta hora, pouco mais ou menos, estou a votar em Coimbra a favor do projecto da constituição como qualquer revolucionario de 28 de Maio.

Não ha nada como as habilidades canonicas!... Quem me havia de dizer que ainda aprovaria a constituição autárquica pelo Salazar!

Enfim, não quero dizer desta agua não beberei eu... esta constituição não aprovaria. E para amostra de grossa da politica local deixo junto o curioso papel que ontem se distribuiu largamente em Penafiel — para esclarecimento do electorado e aviso aos incautos.

E ponto final.

Mas... apesar de dizer «ponto final» sempre quero acrescentar alguma coisa, agora, 17 horas, quando a tarde cái e me dizem que a assembleia de voto da cidade foi muito concorrida e o seu funcionamento ainda dura com normalidade.

Penafidelenses !

A Nova Constituição que agora vai ser votada, coloca ao lado de um poder central forte, autocracias locais descentralizadas com administração autónoma.

Pois bem, se todos nós votarmos a nova Constituição contribuiremos (o que é absolutamente necessário) para que a administração da nossa Terra pertença aos penafidelenses. Lembrai-vos que Penafiel não precisa de tutelas (porque a intellectualidade de seus filhos revelou sempre superioridade) próprias das demagogias partidárias de outros tempos e dos espiritos doentes. O nosso concelho, a nossa cidade, e as nossas aldeias são troféus Sagrados de independência, legados pelos nossos maiores. Para garantia das nossas tradições teremos todos de ir votar a Constituição e dizer bem alto :

Viva a Pátria ! Viva a Ditadura ! Viva o Concelho de Penafiel, tradicionalmente organizado ! Viva a Nova Constituição !

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Essa tal abstenção apreçada e garan-
tida, deu misto: concorrências abundante,
voluntária ou não, mas abundante.

E para terminar devo deixar notado
que a grande maioria dos oficiais deste re-
gimento, foram votar. Falaram contra,
censuraram a ditadura, gostaram do pro-
grama do general José Vicente de Freitas
— mas foram pessoalmente votar a
constituição. O proprio commandante foi
rodeado de oficiais, como que a mostrar
publicamente a sua adesão...

Estas atitudes deixáram-me abati-
do e desiludido. Ainda julguei que isto,
aqui, seria agrupamento de indiferen-
tes; afinal... bolas!

E agora, ponto final.

Pernambuco.

Março: 20.

Em um jornal de terra chamado O Po-
vo de Pernambuco, no seu n.º 365 de ontem,
insiste indiscretamente a respeito de
minha Carta dos Generais.

A notícia fica colada adiante. E o q.
se vê é que em Pernambuco não se põe
guardar qualquer segredo; os jornais natu-
ralmente querem ser sempre os primei-
ros a dar as notícias e tudo quanto seja

revelação de qualquer coisa escolhera...
zão! Lá vai á laiz dos grandes colossos
da imprensa.

E paciencia.

"9 de Abril,"

Recita no Cine

No proximo dia 9 de Abril em comemoração desta data a digna corporação dos sargentos de Infantaria 6, auxiliada por varios officiais desta unidade, leva a cena ali no Cine-Clube, a interessante opereta "Filho da Republica" e a peça em 1 acto "Cem Los Generais" original do distinto escritor snr. Te-

nete Coronel Belizario Pimenta.

O produto liquido desta festa reverte em favor do cofre das viúvas, orfãos, estropiadas e mutiladas da Grande Guerra.

É altamente simpatica e humanitaria a sua finalidade e por isso de supor é, que no dia 9, o Cine regorgite de espectadores.

Este espectáculo é abrilhantado por uma orchestra de distintos componentes da Banda de Infantaria 6, dirigida pelo seu ilustre chefe e consagrado "maestro" snr. tenente Pires da Cruz.

Pauafiel

Marco: 27.

Atenda acerca do mesmo assunto... O dito jornal «O Povo de Pauafiel», no seu n.º de ontem volta á carga. E desta vez com mentira.

Diz o periodico a certa altura da noticia annunciadora da recita:

«... Para esta festa altamente patriótica escolheu o grupo a opereta de grande espectáculo O Filho da Republica, terminando com a peça A Geia dos Generais expressamente escrita p.º esse fim pelo distinto escritor snr. Tenente Coronel Belizario Pimenta.»

Não ha maneira de serem verdadeiros.
O q. quereu é dar a noticia, seja como for.
A leia está feita, creio eu, ha mais de 30
anos...

Penaful.

Abril: 2.

Os jornalecos da terra continuam a pro-
clamar urbi et orbe a autoria da leia dos
Generais.

O Povo de Penaful ta volta no seu n.º de
hoje com nova noticia. Não ha maneira
de os fazer calar!

Grupo Cénico "Marte"

É no proximo domingo, o que
este grupo local, constituido por
bravos sargentos da nossa guarni-
ção e obsequiosamente coadjuvados
por gentis senhoras, leva á cena all

no Cine Clube a opereta em 3
actos «Filhos da Republica» e a pe-
ça «Cem dos Generais» esta da au-
toria, do alto espirito e cintilante
escritor sr. tenente-coronel Bell-
zario Pimenta, cujo nome e passado
literario dispensa toda e qualquer
ajetivação.

E eu a julgar que esta gente seria es-
paz de guardar um segredo!

Coimbra.

Abril: 7.

Receti aviso da Revista Militar para
assembieis geral no prox.º dia 10 na qual
se deueará entregar o diploma de socio ho-
norario ao almirante Augusto Osorio
e proclamar socios efectivos o Barreto
de Oliveira e major Eduardo Meneses.

O Pires Monteiro ao mesmo tempo p^olicita qualquer coisa a respeito dos novos eleitos. La lixe de mandar uma carta ao presid^{ta} da assembleia-geral justificando a m.^a falta e cumprimentando o almirante e os novos eleitos, em especial o Barreto de Oliv: « meu coudo "ciguelo e amigo e por quem sempre tive "uma grande estima e uma affectuosa "consideração » etc. etc.

Este Pires Mont.^o gosta destas coisas, suspira por estes salamatiques. E não custa nada fazer-lhe a vontade.

-x-

Fui hoje a reparar ao Madalil o original de me.^a contribuições p.^o o In Memoriam do Dr. Augusto Mendes Diniz de Castro. Trata do caso do celebre Carreira Leal, o Recta-Pronuncia, quando por seu fuzo o exercito de Massena que em 1811 se propunha atravessar a ponte do Mondego em Coimbra.

Reduzo a facanha ás suas proporções naturais. Não sei se os meus con- cordarão.

Amanhã voltarei para Beusial, depois de uns dias de licença.

Até quando?

Perafiel.

Abril: 10.

Outem lá foi representada, com ge-
ral agrado a celebre Leis dos Generais
em recita mais ou menos de gala.

Casa á cunha. Desempenho acima
da expectativa; superior, até, ao dos te-
nentes, em Coimbra, ha anos. O cená-
rio, feito de proposito, m.º razoavel.

O publico deu palmeas, mas fiquei
com a impressao de que não avaliou o
esforço que representou o pór aquilo em
cena, nem a boa vontade dos execu-
tes que foi grande.

Tempo, em fiquei satisfeito; mas Pe-
rafiel é terra muito sui-generis.

Perafiel.

Abril: 19.

O Comercio do Porto de 17 de Fevereiro
ultimo publicou um artigo assinado pe-
las iniciais S.P. de uma peccaõ Quadros
Historicos e subordinado ao titulo As
campanhas Liberais e o seu estudo mi-
litar. Neste artigo ha referencia annu-
al ao meu trabalho sobre a accaõ de 11
de Agosto de 1829 na Praia da Vitoria como
um dos dois estudos dignos de se citarem

para a bibliografia das lutas civis. O outro estudo é o do falecido Sr. Chaves sobre a Asseiceira.

Desconfio de que o autor do artigo seja o Saturnio Pires. Pelo sim, pelo não, escrevi esta carta que meando ao director do Comercio p.^a este entregar ao autor — pois é bom e conveniente não deixar muito os creditos por mãos alheias...

« ^{meo} Ex.^{mo} Sr. — Meu amigo mostrou-me ha dias no n.^o 40 do C. do P. de 1.^o de Fevereiro do corrente anno, um artigo de V... (As Campanhas Liberais e o seu estudo militar) no qual ha uma referencia a meu p.^a a minha pessoa. Venho agradecer muito gratificado e atencioso suas possivelm.^{te} inmerecidas referencias; e aproveito a opportunid.^e para o informar de que ha uns 20 annos publiqui um estudo m.^{to} circumstanciado acerca da accção de 24 de Junho de 1828 na Cruz dos Marauços (Revista Militar, vols. 65, 66, 69 e 70). — Venho reparado que esse trabalho tem passado despercebido; contudo apesar de necessitar de alguma revisão creio - o fundamental para quem trabalha em tais assuntos. — Renovando os meus agradecim.^{tos}, etc. etc. »

Penafiel.

Abril: 21.

Comencei a escrever o artigo prometido para a Revista Militar acerca do Banco do Porto — com o qual quereria concorrer ao prêmio de 600\$00 ultimamente instituído pelo almirante Augusto dos Reis. Ao mesmo tempo vou tentar dar-lhe a flexibilidade possível para o transferir em conferência na Universidade Livre de Coimbra, com intuito de vulgarização e propagação democrática.

Será possível?

É muita coisa junta e não muito o ambiente propício para gestação de tal obra... A natureza que me rodeia aqui é bela, muito bela, mesmo; mas eu é que me sinto quasi incapaz de grandes vontades.

Penafiel.

Abril: 28.

Recebi carta do meu condiscípulo Sr. Xuris Pires que se confessa o autor dos Suadros Históricos do Comercio do Porto e responde á minha carta de 19 deste mês.

Calculei que as iniciais S.P. eram as dos seus apellidos; e até os artigos, pela sua

forma literaria denunciavam - no ; mas
 ele veio afirmar amavelmente a auto-
 ria e reatar velhas relações de amizade
 que o raio da politica interrompera.

Penafiel.

Mais : 4.

Por simples curiosidade e não porque
 altere a marcha da humanidade, fica aqui
 um simples reparo:

Trata-se, na terra, de realizar as fes-
 tas do Corpo de Deus, consideradas as fes-
 tas da Cidade : procissões, foga de arraial,
 bênçãos de alfares agrícolas, cortejo agric-
 ta, etc. etc. Para a comissão dos festejos a
 que preside um tenente, reúne, mar-
 ralmente, á noite, na Biblioteca Muni-
 cipal ; e como a frequencia dos leitores
 pôde perturbar a reunião, a Câmara re-
 solveu encerrar a Biblioteca nas noites
 em que é necessario combinar o progra-
 ma da festa ! Parece que em Penafiel
 não ha outro local apropriado.

Reparo : isto é simples curiosidade ; o
 recendo continua a rodar ininterruptavel-
 mente...

E quem quizer consultar livros, co-
 mo ontem me aconteceu, que tenha pa-
 ciencia.

Pernafiel.

Mais: 5.

Voltei a comandar o regimento desde o dia 1 deste mês. O coronel foi presidir ao Tribunal Militar do Porto durante o presente quadrimestre.

Da outra vez, o tempo passou sem novidade; mas agora... com tão máis dinais, com tanta camisa azul a esvoaçar á volta...

Hoje, recebi carta do dr. Geraldino Brites, de Coimbra, em que me dá um quadro tremendo do que lá vai em matéria reaccionaria. É tremendo, mas é mesmo assim.

É por toda a parte. A esda negra, a esda negra!...

Pernafiel.

Mais: 7.

Hoje, nos jornais da Terra, vem a notícia de que na agueira local da Liga dos Combatentes da Grande Guerra se fizeram eleições e eu fui eleito presidente da assembleia geral.

Mais um cargo honroso... Mais eu tra assembleia geral p. presidir.

Penafiel.

Maio: 8.

Mandeí hoje ao dr. Aurelio Quintanilha a propósito da moção que o Senado da Universid.^a votou e que foi com pretextos p.^o o inutilizarem — o seguinte bilhete:

« F. envia a V. um abraço de solidariedade e de sincera saudação. Não sei qual a solução dada ao caso do ataque dos reaccionarios; o meu protesto é o mesmo, creio V. na estima e admiração do que é, etc. etc. (a) B.P. . . . »

Penafiel.

Maio: 10.

O Quintanilha, em resposta ao carta minha, mandou-me um exemplar da Xilografado da moção dos professores reaccionarios Fezas Vital e Mario de Figueiredo, aprovada pelo Senado e da resposta dada por aquelle.

É uma autentica ofensiva ultramontana, bem ás claras.

No domingo passado, no Porto, o celebre Rolão Preto, o mystico das camisas azuis, teve a honra de um jantar de mil e cem talheres; na mesa de honra

havia professores da Univ. de Coimbra, representantes do professorado filiado no Nacional Studentalismo!...

Quede irá isto?

Maus dias nos estarão reservados?

E o exercito afria toda esta tapalhada?

Terá este o celebre programma do glorioso 28 de Maio?...

Penafiel

Maio: 11.

Hoje recebi de Aveiro um numero d' O Povo de Aveiro, do celebrado Henrique Christó — que eu guardo na collecção respectiva.

Neste n.º dá uma grande tassa, a respeito do Almeida Garças, ao Tomás da Fonseca. E a propósito declara admirar-se de ver o meu nome envolvido na questão e essa admiração vem de me ter conhecido nos nossos tempos, em Infantaria n.º 23, e me considerar um patetoide.

E termina por afirmar que ha de escaçar esta carja...

A carja será o Tomás e eu?

Fico esperando, com interesse essa escaçadela anunciada.

E resposta é que ele não terá.

Perafiel.

Maio: 16

Ha dias, no Club Perafiel, appareceu afixado num quadro em que a direcção costuma colocar os seus avisos, um documento curioso que aqui deixo arquivado e que estava escrito em meia-folha de papel de officio trimbrado da Camara Municipal deste concelho:

« Pretendendo muita gente saber quem transferiu o senhor major Parada Leitão, para evitar injustiças, sou em de clarar que fui eu como administrador do concelho. Outros officiais transferi e outros transferirei até que a ditadura tenha a paz e sossego que merece. — O administrador do concelho — (a) Coelho dos Santos. »

Isso foi em 5 de Maio. No dia immediato, minha declaração foi afixada no mesmo local e em papel identico.

« Mais uma vez se comunica aos interessados que quem transferiu os officiais de Perafiel e de outras partes, foi o administrador de Perafiel. — A bem de Na-

ção. — (a) Coelho dos Santos. »

Este Coelho dos Santos é tenente de Infantaria e teve de sair do regimento n.º 6 por imposição do car.º Iglesias que não tolerava as suas atitudes políticas. Além disso afirma-se que o cavalheiro não anda m.º bem de cabeça, dá indícios de perturbações, infelicid.ª p.ª ele que já foi comunicada ao command.º da Região para os fins convenientes.

Superiormente, pareceu, não se deu ouvido ao aviso e ele aí anda a fazer destas...

A direcção do Club mandou os documentos para o regimento, depois de, seguindo a vi, serem fotografados para o que dê e vier... Eu mandei-os, por copia, para o commando militar; este, por sua vez, mandou-os para o commando da Região — hoje mesmo.

Não estou para perder tempo nem tinta, senão contaria o curioso jogo de suprema que houve entre os commandos lealistas.

Seria capítulo anecdótico... Mas como ao mesmo tempo seria uma parca — por aqui me fico.

Penapiel.

Mais: 21.

Hoje, em Coimbra, houve a "to-can-té" cerimonia da benção das pastas dos quintanistas... E com certeza miã filha lá vai com a sua pasta rica á benzedora.

Beuho passado a manha a pensar no caso — meu poder tirar do espirito a ideia de que uma filha minha vai a essa pantominica reaccionaria; e meu poder tambem tirar do espirito a ideia ou an-tes a certeza de que ela vai á cerimonia sabendo que com isso me dá desgosto e me coloca, de certo modo, mal.

Ela tem 23 anos, é mulher feita — devo pôr no assunto a autoridade patér-nal á moda antiga?

Sabe que me desgosta e que me deixa um pouco mal colocado e vai. Que hei-de eu fazer?

Ainda o melhor é sofrer o desgosto indinamente; ela poderá, no futuro, so-frer as consequencias se no futuro se olharem a serio os problemas de educação.

E como os reaccionarios deverão es-tar satisfeitos com esta atitudo! Verem uma filha a desgostar um pai hereje! O prazer dessas santas creaturas que só

teu, eu mira, salvar as almas! ...
 E então, quando se trata de resgatar, pe-
 los filhos, a perdicao dos pais!

Ao menos, aqui, porinho, neste quar-
 to voltado a noroeste, com a bela paisa-
 gem em frente, que se estende por muita
 legua, eu sinto-me possado, sem en-
 riar, desde a manhã, os preparativos
 para tão alta e comumente festa, que me
 excitariam e me enervariam com re-
 sultados possivelmente ruins.

Ao menos, aqui, só oigo num quin-
 tal ao lado a voz argentina e bem tim-
 brada dum rapariga que canta um tan-
 go dolente; e de vez em quando, ao lan-
 ge, o aviso de automovel ou o apito de
 comboio que passa lá em baixo, á mar-
 gem do Sausa.

Estou só, mas tranquilo, sem peri-
 go de sentir ainda algum palpico de
 agua quente lançada pelo tempo ou qualquer
 eco dos discursos eclesiasticos apropri-
 dos ou possivelmente seus restos de
 murmúrios de orações.

Estou só — e pensando em como é
 o mundo... E minha filha, a está hora
 radiante, sabendo que eu deverei estar
 aqui ritando o desgosto, na impotencia
 de pai tolerante que a deixay crescer á

vontade, e que tem realmente culpas
no abandono em que a deixou perante
a acção reaccionaria da família reatrasada
e da faculdade de letras e que não reá-
ge não só por ser já tarde como também
por não querer alterar (oh mentiras hu-
manas!) a aparente harmonia do lar.

Estou só, infelizmente... mas ofi-
cial, antes só!

Penaful.

Mais: 22.

No domingo passado, 14 de Maio, hou-
ve uma festa na vizinha vila de Louzada
para inauguração do novo material dos
Bombeiros Voluntários. Concorreram o
bispo do Porto (é claro!...) o commandante
da Região, o Governador civil, et alii.

Fui convidado bem como o comman-
dante militar, mas nenhum foi.

Ora num jantar que o conde de Alen-
tem ofereceu em sua casa, fez as hon-
ras, por ser viúvo o dono, a D. Margarida
da Branda Malafais, mulher do admir-
alistrador do concelho (tenente Henrique
Malafais, do meu regimento) e que é
meãa xere á sua direita o brigadeiro
Schiappa de Azevedo. Esta senhora, bas-
tante nova ainda, é creatura viva, in-

teligente, muito distinta e boa conversadora; o brigadeiro também é pessoa de distinção, conversador e com tacto diplomático — de modo que durante o jantar a conversa foi longa e animada e em parte recaiu sobre Penafiel e a sua vida militar.

Desta parte da conversa, o resumo requeirando sobre a D. Margarida Malafais que contou com toda a reserva, foi o seguinte:

O brigadeiro quer conciliar a população civil com a guarnição militar e evitar toda e qualquer desharmonia dentro da área da Região; e veria com bons olhos o afastamento do coronel Iglesias pois para isso é impossível conseguir-se aquele resultado. Tem de mim as melhores impressões e desejava ter-me na Região e o desideratum seria que eu viesse a comandar Infantaria n.º 6 — tanto mais que a família é sempre, para ele, ponto importante para as funções de comando e preponderância na terra e a do Iglesias tem sido um pouco arripado de certas trapalhadas. E tudo isto, afirmava a D. Margarida, envolvido em muitas amenidades e frases de consideração por mim e pela família.

Ouvi tudo com interesse e dormi sobre o caso e pensei lapaesmente. O que haueria por detraz de tudo isto?

Julgara ele que eu estau convertido? Suerera ele entrar a valer no caminho da conciliação? Conseguira alguma coisa? Não encontrara pela frente os meus inimigos exaltados de que já aqui tenho falado? Não terei eu maneira de me safar daqui antes de se abrir a uapa?

Com estes pensamentos e commentarios a noite passou e hoje, ás 8 h. da manhã, estava aí o tripad: Schiappa de Azevedo para inspecionar os recrutas.

Cumprimentou-me de maneira diferente, com mais afabilidade do que a regra e por duas vezes entabou conversação comigo, insinuando a excellencia da terra, a facilidade do commando da unidade, a boa harmonia e disciplina da sua Região, etc. etc. de mistura com louvores ao meu Quavalvares chefe militar que elle considerou obra definitiva e basilar sobre o homem que, concorda, deve ser desfrido da sabedoria, etc. etc.

O novo chefe do Estado-maior, que eu não conhecia, estranhou, parece, a attitude do tripadeiro e sobre ella eu vi que interrogou os dois coronéis (o Barbei-

to Pinto e o Iglesias que está no intervalo das audiências). Não sei, porém, o que estes lhe disseram, mas parecia-se claram.^{te} que falavam a meu respeito.

A forma como o Schiappa falou e as varias coisas que suscitou com certa habilid.^{de} estavam em perfeita harmonia com o que a D. Marjorinda Malafais me contou ontem. É de certo o tripad.^o real imaginava que eu lhe estava a perceber todo o jogo.

Realmente o homem namora-me e quer-me p.^o colaborador. Mas parece-me que se enganava.

É ainda no fim da visita, quando se despediu dos officiais, fez uma pequena allocução em que referesam, sobre as bz malidades do costume, o seguinte:

« Na sua Região ha officiais de ideias muito opostas em politica; entende que numa classe tão grande não se poderá dar completa homogeneidade; procura afastar da Região essa preocupação do nivelamento de cerebros; e entende que ha um campo em que todas as divergencias se poderão encontrar: o serviço leal, a disciplina e as normas regulamentares. O seu desejo é que a Região que comanda se distinga por esta

forma e assim procura, sinceramente
consequi-lo.»

Isso pareceu-me que era carapuceira
para mim e, possivelmente, uma espe-
cie de prologo p.^o resolver benevolamen-
te o caso desagradavel de que tratei nas
alturas do final de Janeiro ultimo. É
possivel; julgo-o bem intencionado.

Vamos a ver o que vem.

Deus super omnia...

Penafiel

Mais: 24.

Deixei aqui dito em 16 de Março que o
cripado Schiappa de Azevedo mandára uma
circular provocada pela attitude politica do
general José Vicente de Freitas.

Espreitando o periodo do commando
do regimento, resolvi copiar esse e ou-
tros documentos relativos ao episodio p.^o
leultrancia minha... Como estas mi-
nhas notas são mais confidenciais do q.^o
as do regimento, creio que a minha pro-
pre consciencia não ficará carregada com
um acto de deslealdade.

Seis os documentos:

1.^o — « Carta circular. (Particu-
lar). ^{meo} Lie. - M. Commandante do regimento

de Infantaria n.º 6. — Penafiel. — Encarrega-me o ^{meu} Ex.º brigad. Julio Schiappa de Almeida de enviar a V... a adjunta copia de um documento que desejo fazer chegar para Lisboa e levar ao conhecimento do Governo, não pretendendo endereçar tal documento sem estar certo de que ele interpreta bem o sentir da Região. — Ao redigi-lo teve em vista Ex.º. desvanecer qualquer possível perturbação ou confusão resultante de recentes declarações feitas por um dos muitos políticos da situação actual. — Acima de quaisquer passagens discordancias de pensar ou sentir, entende o Ex.º brigad. que temos de pôr bem alto o amor da Pátria e a ansia do seu progresso e evolução permanente para melhores destinos em que todos os portugueses se harmonizem e trabalhem fraternamente. E em o fazemos por etapas successivas dentro de uma atmosfera serena e calma em seremos todos arrastados anarchicamente no turbilhão dos extremismos violentos. — Nestas condições rogo a V... em seu nome a fim de telegraficamente e em cifra, logo que esta receber, informar meciatamente o que se lhe oferecer a este respeito. Estando de pleno

acôrdo bastará dizer «concordo.» — Afue-
sentando a U... os protestos do meu afue-
ço e estima, sou — de U... — Camara-
da atento e grato — Porto, 4 de Março de
1933. — (A) Adriano Rodrigues, major. »

2º — «Está prestes a realizar-
se o plebiscito á Nação acerca da futura
Constituição Política da Republica — coisa
neste final da obra que ha perto de sete
anos meu pseudo realizada e da qual é pe-
dra angular a resolução do problema fi-
nanceiro com o consequente e notavel
robustecimento da vitalidade do tesouro,
aumentó do prestígio internacional, do
nosso credito e obtenção dos meios neces-
sarios ao prosseguimento do plano de
ressurgimento e progresso da Nação já
iniciado. — Nada disto seria possível
sem a manutenção rigorosa da ordem
publica nas ruas e da disciplina no
Exercito. Nunca, porém, ela foi tão ne-
cessaria como no momento presente,
já pela gravidade e melindre da passa-
gem á constitucionalidade, já mesmo
pela delicadeza excepcional do momento
critico que o Mundo atravessa. — Acima
de quaisquer discordancias passageiras
de pensar ou sentir, entendendo a 1ª Repião

Militar que temos de pôr bem alto o
 amor da Pátria e a ansia do seu progres-
 so contínuo, e as evoluções permanentes
 p.^{ra} melhores destinos e em q. todos os per-
 tencentes se entendam, harmonizem e
 trabalhem fraternamente. — E se o
 fazemos por etapas sucessivas dentro
 de uma atmosfera serena e calma e
 serenos todos arrastados avarquicam.^{te}
 no turbilhão dos extremismos violentos.
 — A 1.^a Região Militar que ha muitos
 annos marca pela noção alta do cumpri-
 mento do dever e se tem mantido atenta
 e avessa a toda a suggestão de desordem
 ou indisciplina, tem a consciencia dos
 perigos que ameaçam a Nação se o Exer-
 cito se não mantiver unido, disciplin-
 do e homogêneo em volta dos seus che-
 fes e em volta da bandeira de Pátria. —
 Em quaisquer emergencias pode o Go-
 verno contar que ella agirá com a maior
 energia e decisão. — Visto — (a) A. Ro-
 driguez. »

3.^o — « Carta-circular. (Parti-
 cular). — Confidencial. — Ee^{mo} Sr. Co-
 mandante do Regimento de Infantaria n.^o
 6. — Penafiel. — S. Ee. o Brigadeiro Schi-
 appa de Azevedo encareça-me de dizer

a V... que ficou grato pela concordancia
 com os seus pontos de vista exarados na mi-
 nha anterior carta-circular, tendo todavia
 resolvido não enviar o documento nele re-
 ferido ao seu destino em virtude da pro-
 xima visita do Ex.^{mo} Chefe do Governo ao Por-
 to a quem exporá verbalmente o assun-
 to. — Sem mais, apresento a V... os meus
 cumprimentos da mais camaradagem
 e estima. — Camarada atento e obrigado
 — Porto, 8 de Março de 1833. — (a) Adriano
 Rodrigues, major. »

E aqui está no q. deu uma manobra
 qualquer que eu não descarto bem nem
 que intuíto levea.

E ligando isto com o discurso que fez
 aqui na ult. segunda-feira, fica-se bem
 perceber.

Adiante.

Penafiel.

Mais: 30

Ontem passou aí um bando de "ca-
 misas armis", — destacados de Sintra em
 uma camionette para fazer propaganda
 pelo País.

Hoje, da parte da população, certa
 resistencia que se concretizou em chufas

com um ou outro póco á mistura. Os
homens protestaram e os outros iam
se exaltando e a caminho de violencias
quando interveiu o tenente Ernesto Ro-
drigues, que na ausencia do administra-
dôr exerce as suas funções, e os mandou
seguir caminho.

Eles quizeram resistir alegando que
queriam comer; mas o tenente não lhes
deu tempo para isso e fê-los ir embora,
como os celebre Ashverius, sem lhes dei-
xar pôr pé firme na boa terra da Arif-
ma do Sousa...

É claro que o caso suscitou comenta-
rios e discussões durante o dia e a noite.
Um ou outro official protestava contra a
violencia de os não deixarem comer; mas
a maioria teve a attitude contraria e deu
a impressão de que os ajudaria a correr
se fosse necessario.

Pois bem. Hoje o administrador do
concelho veio açodado, do Porto, averiguar
o que houve; trouxe policia "da informa-
ção", e deitou a mão a dois velhos repu-
blicanos, bôdos expropriarios em todas as
emergencias semelhantes, e mandou-os
para o Porto, incomunicaveis. Outros re-
publicanos foram procurados, mas com
este exemplo, tiveram por melhor conse-

tho desaparecerem da terra e, na realidade não foram encontrados.

Sloje, é noite, havia na cidade certo ar de pavor; sentia-se qualquer coisa de mal estar; e a realidade é que Penafiel está sujeita a um doido. O Tenente Coelho dos Santos, administrador, está desarranjado da cabeça, tem crises mentais repetidas, mas no Governo Civil dizem que é indigensavel em Penafiel porque a terra é hostil á ditadura...

Segundo o chefe do Estado-maior disse ao cor.^o Barbeitos Pinto, ha dias, quando aí esteve com o tripadeiro Schiappa, o caso dos documentos que daqui enviá-ros respeitantes a declarações do dito Coelho dos Santos ⁽¹⁾ foi considerado como prova de caracter... E como é julgado indigensavel, continuará a tripudiar á solta, e a fazer toda a casta de violencias — até quando o Supremo Arquitecto quizer e não sentir a paciencia exgotada...

E por sua vez, o cor.^o Barbeitos Pinto a quem eu insinuei, em conversa, qualquer deligencia junto do commando da Região, fizeis não perceber e deu até a entender, como remate sentencioso, que as

(1) Ver atrás pag.^o 31-32.

acções ficaram somente com quem as fizesse...

Este coronel Barbeitos estava a ver q. falta de mais e que a respeito de obras... e' como os outros.

Pernafiel

Junho: 5.

Estive agora tres dias em Coimbra. Bem lá conheci-me do que tem sido a luta contra os haueus das "camisas azuis". Aquilo, no domingo em que lá houve uma manifestação foi simplesmente épico. Toda a população em geral mudou quasi toda de grupo de que protestava; houve luta por toda a parte e durante a noite caçavam-se "camisas azuis", como se caçavam animais perigosos.

Estes successos de Coimbra que toda a gente admirou por se estar acostumado a que dali só saia aplauso e apoio á ditadura — parece que foram uma especie de rasquilho.

Por toda a parte, a caça á "camisa azul", constituiu a ordem do dia; e a ultima nota officiosa governamental sobre o assunto (que em Coimbra me disseram ter saído sem conhecimento que-

rio de Salazar) veio excitar ainda os
animos e segundo se afirma desgostar
o "briso" exercito portuguez...

Penafiel.

Junho: 7.

Mais um pretendente á minha na-
ga em Infantaria 6: o major Bernardino
de Sousa Lopes, em breve promovido a te-
nente-coronel e que se não quer afas-
tar do Porto onde tem sua casa, sua
familia e os seus interesses.

Não desgosto deote Sousa Lopes: foi
meu capitão no batalhão de Aveiro na
campanha do Tejo em 1919; metto re-
publicano, desembarcado, bom oficial;
deixou-se entusiasmar pela conspira-
ta contra os democraticos em 1926 e foi
um dos factores do movimento de 28 de
Maio no norte — de que se arrependeu
e que o veio a tornar suspeito á poli-
cia actualmente.

Ceiras da vida.

Disse-me ele que numa proxima
remodelação do exercito em Guimaraes
vai ser colocado em batalhão do
regimento de Inf.^a n.º 6 com um coman-
do militar dado a tenente-coronel; e
sendo assim propunha-me eu acei-

tar a colocação naquella cidade para elle poder ver p.^o aqui.

Não me oponho. Guimarães e' muito boa terra, centro culto e... sempre é variedade.

Autorizei-o a tratar do caso.

Penafiel.

Junho: 8.

Hoje, dia consagrado ao Exército. Estamos na Semana das Colonias e não poderia faltar esta homenagem aos militares que tão bravamente se bateram contra os negros e os indios...

Por isso, por ordem superior, em todas as guarnições, houve sessão solene com a retórica do costume, musica nos jardins, guarda de honra ao icar da bandeira, etc. etc. — e isto tudo precedido dum resumo da epopeia publicado em ordem regimental na vespera.

O resumo da epopeia é o documento mais extraordinario que se pode conceber e que só se pode conceber vindo do Ministerio da Guerra em periodo militarista e... integralista.

Juntei aqui para memoria.

Escusado será dizer que na sessão solene de hoje eu fui um... dos aradores.

O coronel Barbeitos Pinto, comand.^{te} mili-
tar, não me dispensou e lá tive de en-
tretém o auditorio cerca de um quarto de ho-
ra, p.^o fazer tempo para o capitão Artur
Carlos de Barros Basto pronunciar a sua
conferencia.

Mas... oh ironia das coisas! oh des-
gracia do Estado-Novo! oh polve militaris-
mo!... Quer eu quer o Barros Basto só
tivemos palavras de reprobção para os
imperialismos, para os militarismos, pa-
ra o capitalismo, para a soberania do
musculo, etc. etc. contrariamente ao ex-
posto no celebrado resumo da epopeia;
quer eu quer outro não se moldaram ao
modelo enviado pelo ministerio da guer-
ra — e eis-nos em vãos de fantasia pe-
la liberdade de pensar, pelos maleficios da
intolerancia, pelo espirito científico das des-
cobertas, pelo valor constructivo dos nossos
homens do seculo XV, etc. etc. etc.

Foi sessão quasi escaudalosa.

Não guardarei o que escrevi para ler
na sessão porque a pressa nada vale: foi
um amontoado de frases, com certa liga-
ção, é certo, mas escrito á pressa para sa-
tisfazer o solicitado. Procurei chamar a
atenção para o valor científico das nave-
gações, para a originalidade das mesmas

DIA DO EXÉRCITO

Que para os devidos efeitos se publique a Circular nº 21 da Rep.do Gab. do Ministro, do Ministério da Guerra, de 2 do corrente:

"Sua Exª o Ministro da Guerra encarrega-me de enviar a V.Exª. o resumo da nossa epopeia militar colonial, a que se refere o nº 5º da Circular nº 18, de 24 do mez findo, desta Repartição do Gabinete, a fim de, nos termos da mesma Circular, ser publicado na Ordem na véspera do "Dia do Exército".

a) -Resumo da nossa epopeia militar colonial:

É Portugal a nação de mais remotas tradições coloniais. Já isso bastara para nos encher de orgulho, porque legítimo é o orgulho pelas glórias da Pátria. Mas para nós, militares, uma outra razão acresce: a de que o nosso Império Ultramarino foi ganho à ponta de lança, à custa de sangue abundante e generoso; não, por artifícios ou negociações. Mais do que nunca, importa acentuar isso, porque o melhor escudo dos povos é o gume da sua espada. E porque assim é, há que guardar fundo, em nossos corações, o culto da tradição guerreira do Velho Portugal. Se a nossa Raça não tivera, mercê do destino, extraordinárias qualidades militares, não viveríamos hoje numa Pátria independente e jámais haveria sido escrita a epopeia maravilhosa das conquistas. Se, também, a nossa história é, entre todas, privilegiada, a que o deve, senão ao esforço ingente dos guerreiros de antanho?

Rompendo com a empreza de Ceuta, nos alvares do século XV, a série das campanhas ultramarinas continua e alcança em menos de cem anos-rapidez incrível-os limites do longínquo Oriente, onde pela primeira vez relusem as armas europeias. Marinheiros destemidos, soldados valorosos, capitães de inteligencia tática e firmeza excepcionais vencem inimigos temíveis, em combates de gigantes. As operações em torno de Cochim, por Duarte Pacheco, a tomada de Goa por Afonso de Albuquerque, e os dois cêrcos de Diu, defendida por António da Silveira e D. João Mascarenhas, são fulgentes episódios, entre centenares de outros, que irradiam luz imortal sobre o nosso Passado.

E ainda há bem poucos anos, as campanhas de África novos flores
acrescentaram à antiga coroa de triunfos, provendo que os soldados de
hoje dignos são dos seus heroicos ascendentes de há quatro séculos.
Uma Pátria em que assim revive, claro, o esforço dos antepassados pode
confiar no Futuro, porque, como a Raça, ela será imortal!

Quartel em Penafiel, 10 de Junho de 1933

É Portugal a nação de mais remota tradição colonial. De lá se
passa para nos encher de orgulho, porque legítimo é o orgulho pelas
glórias de África. Mas para nós, militares, uma outra razão: a
de que o nosso Império Ultramarino foi sempre a porta de entrada
de sangue abundante e generoso; não por artífices ou negociantes, mas
de que nunca, importa lembrar, porque o melhor sangue dos povos
o nome da sua grandeza. E porque assim é, há que guardar fundo, em honras
corações, o culto da tradição que trouxe ao Velho Portugal. E o nome
não vive, não vive, não vive, não vive, não vive, não vive, não vive,
crise e epopéia maravilhosas das campanhas. E, também, a nossa história
é, entre todas, privilegiada, a que o deve, então, ao esforço incessante dos
guerreiros de antanho?

Respondido com a expressão de gratidão, nos alvares do século XV, o culto
das campanhas ultramarinas continua e alarga-se em menos de dois séculos -
pelas fronteiras-limite do Império Oriental, onde se dá primeira vez
reinem as armas europeias. Os guerreiros heróicos, soldados valerosos,
capitães de inteligência férrea e firmeza excecionala venceram, primeiro
fervorosa, em campanhas de alvares. As operações em torno de Ceuta, por
Duarte Pacheco, a tomada de Goa por Afonso de Albuquerque, a de Maláca
cercos de Goa, detida por António de Siqueira e D. João de Castro,
são triunfos epopéicos, entre centenas de outros, que fizeram
imortal sobre o nosso Paesão.

e suas importantes causas economi-
cas; larguei varias directas ao capita-
lismo, ao moderno imperialismo portu-
guês e á inavidade dos esforços da gente
de dinheiro perante o avanço moderno das
ideias; lancei, de permeio, lauros ao ge-
neral Norton de Matos; e terminei por di-
zer que só a liberd. nos salvará, a liber-
dade do individuo, a liberd. de pensar, a
liberd. de escrever e... a liberdade de pôr
de lado as gloriosas tradições dos nossos
maiores...

O Barro Basto, esse, como judeu
que é, procurou mostrar a influencia
semita no litoral da Península e em espe-
cial no de Portugal, de onde saiu o im-
pulso principal para as descobertas; a in-
fluencia de raça na propria maneira de pro-
ceder nas navegações e na de colonizar; e
com varias razeiras ao catolicismo e ao
imperialismo, encheu 3 quartos de hora.

Como se vê, foi festança rija e de pau-
cadaria na ditadura.

E o que é mais curioso é que o audi-
torio parece que não desgostou...

E' claro que se gostaram, tiveram só
o gosto teórico; na pratica, Sr. Antonio Salar-
zar lhes valha, que tudo pôde.

Penafiel.

Junho: 9.

Chepáram - meu tioje, da Imprensa de
Universid., 50 exemplares da separata dos
meus Oleiros de Miranda do Corvo.

Mais um folheto para acrescentar ao
modesto numero dos que já estão publica-
dos com reduzidissimo exito.

Entrá na categoria do genero de inves-
tigações meúda, e' o que se poderá chamar
uma obra prima entre as lapatelas.

Penafiel.

Junho: 10.

Quanto ás carnicarias azuis já aqui fa-
ladas anteriormente, causáram certo mal
á terra, as prisões feitas mantêm-se
aiuda no Porto e com incomunicabilidade;
e varias pessoas da cidade, velhos repu-
blicanos de consideração, entre os quais
o distinto medico dr. Joaquim Cota, andam
fujidos porque ainda está suspensa a or-
dem de prisão.

Têm-se feito delibencias junto do ad-
ministrador Coelho dos Santos, mas sem
resultado. O proprio presidente da Câma-
ra, o capitão Arrochela Lobo, chepan a
ameaçar com pedido de demissão colecti-

va da reeração, unico meio de pôr fora o maluco — mas ele, nada! Vai ficando como indispensavel.

E manda a verdade que se diga que o Archoela Lobo tambem não pôz em pratica a ameça...

E assim vamos vivendo, no rigor da urna « liberal constituição » com garantias e liberdades bem consignadas.

Penafiel.

Junho: 22.

Grandes e boas novidades poderia deixar aqui!

Mas não tenho tempo nem disposição para escrever lapidamente, com bom humor. Desde noticias de crise politica até ás festas do Corpus Christi, muito e muito teria para dizer.

Aquelas, complexas e cheias de apreensões; estas, curiosas festanças arcaicas, voluvenencias de seculos que eu não julguei encontrar ainda num país do seculo XX.

E' possível q. venha a escrever acerca das festas, memoriaes de considerações de varias especie; sobre a politica... nem sei se valerá a pena, tanta mixardia surge neste resvalar!...

Pernambuco.

Junho: 25.

Recebi hoje resposta do Peruani Cidade
à minha carta de 13 do corrente, Com os
naturais agradecimentos prometo falar do
meu Sumarios — coram populo.

Vamos a ver.

Pernambuco.

Junho: 29.

Como Comand. do regimento recebi
hoje a circular confidencial n.º 80/D de on-
tem, emanada do Quartel - Gen.º da 1.ª Re-
gião Militar.

Transcrevo - a par.º desejo ficar com ela
p.º a reler com cuidado quando isso me afe-
rder...

« Para os devidos efeitos, S. Ex.º o Brigad.º
Comand.º da Região encarrega - me de trans-
crever a V.º. a circular confidencial e secreta
n.º 170/D da Repartição do Gabinete de S. Ex.º o
Ministro da Guerra, de 27 do corrente que é do
tenor seguinte: — O Governo da Republica
elaborou um projecto de Constituição; apre-
sentou-o á discussão por intermédio da
Imprensa. — Essa discussão foi feita li-
vemente. Paralelamente foi o mesmo

projecto discutido em Conselho de Ministros,
 aprovado e, em seguida, submetido á apre-
 ciação da Nação. — Este pronunciou-se,
 todos o sabem, por uma esmagadora maio-
 ria, a seu favor. — Aquelle governo demit-
 tiu-se e, pelo Chefe do Estado outro foi esco-
 lhido. — Assim, terminou a Ditadura Na-
 cional e se entrou em regime constitu-
 cional. — A par desta evolução politica, a si-
 tuação financeira e económica do País é
 tal que ao chefe da delegação portugueza á
 Conferencia Económica Mundial, em Lon-
 dres, foi possível declarar em plenos as-
 sembleis, que Portugal tinha resolvido, de
 per si, os problemas mais instantes do
 momento que passa e sobre os quais
 aquella Conferencia deveria pronunciar-se.
 — Portugal apresenta-se neste momento
 de terrivel crise económica e financeira
 numa situação mundial excepcional. —
 Apesar, porém, de toda a obra realizada a
 Bacia da Nação, e do caminho percorrido de-
 laixo do ponto de vista politico, lamentá-
 vel é ter de constatar que os profissionais
 da desordem não desarmam e procuram,
 por todos os meios, provocar a alteração
 de ordem publica. — Com maior autori-
 dade se sente o governo para esmagar sem
 complacencias de qualquer especie que o

Bem da Nação não permitê, toda a tentati-
 va revolucionaria q. por ventura possa
 surgir. — É neste sentido que S. Ex. o Mi-
 nistro me encarega de chamar a atenção
 de V. Ex. — Espera o Governo reprimir
 pronta e rapidamente toda e qualquer al-
 teração de ordem publica. — No entanto
 é indispensavel que, por parte de todos
 os commandos, não só as medidas de visi-
 tação dos quartéis sejam intensificadas,
 mas as medidas a tomar para uma mar-
 cha rápida dos destacamentos para os seus
locaes de concentração ⁽¹⁾ estejam devidamente
 preparadas, por forma q. as operações de
 mobilização e concentração desses destaca-
 mentos se executem ao 1.º indicio de alte-
 ração de ordem publica e com a indispen-
 savel rapidez á sua mais eficiente acção.
 — Para tanto é indispensavel que tanto
 os commandos das unidades, como os dos des-
 tacamentos tomem todas as medidas indis-
 pensaveis á segurança das operações a rea-
 lizar. — Mais me encarega o mesmo Ex.
 Sm. de chamar a atenção de V. Ex. para o fac-
 to de, na concessão das licenças, se tem pre-
 sente que estas devem ser concedidas sem
 que, de forma alguma, a eficiencia dos des-

(1) Os sublinhados são da circular.

lacameutos seja prejudicada. — O chefe do
Estado maior interino — (a) Adriano Ro-
drigues, major. »

Causo se vê, é documento cheio de
interesse — e que merecerá ser lido, mais
tarde, quando apetecer.

Pauafiel.

Julho: 2.

Ontem recebi, como comandante do re-
gimento, o seguinte curioso telegrama do
paroco de Trauauca de Sinfaes:

« Custando musica regimental vir
tocar arraial civil adro que me foi entre-
que faço respeitosa communicação ser forçá-
do pedir musica interdito eclesiastico sa-
licitando minha inteira opposição recur-
so ministro guerra. Alade Trauauca Sin-
faes Alexandre Miranda. »

Isto traduzido quer dizer que o alade
excomunicaria a banda regimental se ela
tocasse no adro da sua igreja e que se opo-
ria a que eu ou as autoridades militares
recorressesem p.^o o ministro da Guerra.

O avôjo destas creaturas! Como se ven-
tem superiormente apoiado!

Mandei tirar copia do telegrama e en-
viei-a com a seguinte nota para o co-
mando da Região:

« Por me parecer um pouco contrario
às leis da Republica e porventura ás do
bom senso, remetto a V... , por copia, para
conhecimento do Ex.^{mo} Comand.^{te} da Região,
o telegrama que recebi em 1 do corrente, do
paroco de Travaes de Sinhões. — Informo
V... de que não houve, com a bandeira regi-
mental desta unidade qualquer contrato ou
repetição de contrato para ir tocar ao arraial
civil a que o telegrama allude. »

Estão convencido de que a nota e a co-
pia do telegrama serão cautelozam.^{te} arqui-
vados e a minha attenção alvo de estudos.

São até capazes de considerar, tam-
bem, o telegrama como affirmação de caract-
ter do eclesiastico — q. pelos vistos parece
facanhudo.

Pernambuco.

Julho: 3.

Seguem extractos duma carta a meu
tio José Augusto Pimenta que causeiro
agui por mera e talvez inutil curiosida-
de:

«
 Agradeço, também, as apreciações que
 faz aos meus dois opusculos. (1) Tenho re-
 cebido cartas amáveis de pessoas variadas
 acerca dos meus e estão satisfeitos; mas
 a Imprensa é que não fala nem a cunha
 servil e eu não me baixo a isso. Diz-me
 um amigo que eu quero morrer inédito;
 mas é melhor assim do que o elogio volun-
 tário. — Tenho já elementos p.^o dois tra-
 thos a que applicaria o mesmo método e cri-
 terio que applicuei para o Novuário; são
 eles de maior tomo e que só poderei fazer
 em Coimbra e Lisboa e com tranquillidade.
 Um poderei chamar O valor militar dos
chefes na Guerra da Restauração e destina-
 lo-á á comemoração do 3.^o centenário de
 1640; ao outro chamaria Os conhecimen-
tos militares de Camões assunto que ha muí-
 tos annos me prende e que contribuiria
 possivelmente para se avaliar a comple-
 xidade da cultura do Poeta. — Mas tudo
 isto depende de tempo e de tranquillidade
 de espirito; e se aqui tenho algum tempo
 não tenho elementos de estudo, nem am-
 biente nem o sossego de armar — além de

(1) Novuários, chefe militar e Oleiros de
Miranda do Corvo

que trabalho bastante na mi.^a preparação
para o curso prox.^o de Caxias onde não
quero aparecer como recruta. —

. »

Penafiel.

Julho: 22.

São 23 horas. Costou apara na terra
com a insistencia das "boas" noticias que
o governo está demissionario devido á
questão dos generais.

Será desta?

Os generais e brigadeiros serão, pelo
menos uma vez, generais e brigadeiros?

Costa a crer.

Penafiel.

Agosto: 12.

Aconteceu-me ontem um desastre. . . .
Uma senhora que aí está no Hotel Avemi-
da, quarantona galante, romantica e me
parece bastante impénua, é possuidora
dum album q. a acompanha sempre e
the serve p.^o repositório de travalidades á
moda dos meados do sec.^o passado.

E como the disseram que eu era "es-
critor," (!) solicitou-me com galantaria
um pensamento! Não mais nem
meus!

Depois de tentativas de recusa, desear-
tei-me de solicitações com a seguinte bu-
giganga:

« Disse Paulo Bourget (não me recor-
do seu q. número) que os militares, com os
hábitos de profissão ficaram reduzidos a uma
grande simplicidade de inteligência e de pen-
samento. Julgo-me já nas circunstâncias
indicadas pelo psicólogo francês: não me
sinto capaz de encarecer um conceito
digno de aqui ficar registado. Apenas po-
derei recorrer-me dos conceitos alheios; e
perante as bondades de V.ª eu creio que
posso, com felicidade, recordar o filósofo
Marco Aurelio quando disse que só é di-
gno de preoccupar os nossos pensamentos
o cultivar a verdade e passar a vida sem
colera e espatando a bondade no meio
dos homens mentirosos e injustos. »

A' custa de Bourget e do Marco Au-
relio lá me sapei da dificuldade. Ela, pa-
rece que gostou muito... A grossa saia
em pouco tira das banalidades já argui-
radas; e... vá lá! uma quarantina bo-
nita lisonjeada é sempre uma pessoa
agradecida.

S. Vicente do Pinheiro. Termas de
Entre-os-Rios.

Agosto: 15.

Tres dias passados aqui, no hotel de S. Vicente, debaixo da folhagem de velhos plátanos, ao fresco agradável do maracasté. Tres dias de descanso, por entre a agitação das termas, ouvindo musica dum terço discreto, vendo passar a mais variopinta fauna endinheirada das cidades que os males de teraquinos trouxeram a estas paragens.

Passa-se, assim, bem o tempo, sem fazer nada — só a ver os outros e a ouvir os outros.

Poucas paisagens bonitas. Apenas que drinhos reduzidos, eucostas arborizadas características da região, com carinhãs encastoadas em verdura e algum campariario de igreja mais solene; ribeiros sinuosos atagados nos freixos e faias carregados de cepas de enfarcado. Uma paisagem quasi idilica, boa para convalescentes de males miseris.

Mas a manhã voltou á tida do costume; voltou para Penafiel onde a minha presença é apenas oficialmente necessaria.

Penaafiel.

Agosto: 18.

Na ordem de serviço da Região chepa-
da hoje, vem a m.^a nomeação p.^a Juiz
militar do Tribunal Militar Territorial do
Porto. Vou, pois, largar Penaafiel no fim do
mês e, possivelmente, para sempre.

Será desta?

Estou aqui oficialmente há 343 dias;
faltam-me 23 para completar o ano ne-
cessário. Conseguirei acabar com a auen-
tura?

Barca de Alva.

Agosto: 28.

Para quem, há cerca dum ano vive
no Minho, na região do Sousa, de certo
uma das mais belas da provincia, está ar-
rancada, dum só mês, até Barca de Al-
va, não pode deixar de impressionar es-
tranhamente.

Ao deixar os vales amenos e tão
cheios de pitoresco das rannadas e das ar-
veres do enfarcado, ao deparar com o
deuro, do alto, nos sítios de Pala e Mostei-
rô, sente-se inesperadamente a impressão
da grandera. Deveria ser por aquelas pa-
rapous que o Principe Jacinto, ao subir

para o seu castelo da Grau - Ventura mur-
murou em extase:

— Sua beleza!

Depois, a sucessão de cenários é ex-
traordinária e de constantes imprevistos.
O Douro, ora vai apartado em curvas du-
ras, ora se espraia em larga bacia alegre
como na Regua — na qual se sente a im-
pressão de uma caldeira imensa em que os
bordos são a curva sinuosa das serranias.

Para cá da Regua, então, o cenário va-
ria ainda mais; e impressiona ver como
o homem lutou com a terra, como a do-
minou aos poucos, metro a metro, galgan-
do encostas abruptas, subindo aos calcões
— enchendo tudo com a vinha, cobrindo
com aquelle verde macio que vai perder-
se nalguns montes com a neblina fina q.
corria do presente.

É, de facto, formidavel o aspecto que
tomam aquellas margens: a beleza natu-
ral e o duro trabalho humano.

Mas, ao atravessar o rio, do Tua pa-
ra cá, na margem esquerda — então os
olhos cheios da verdura suave dos mesu-
tes, dão com novo cenário, aspero, de cân-
bica, quasi indistinta, com aspecto de deso-
lação inquietadora que me suscitou inti-
mamente a interrogação:

— Para onde me vão eu?

Vagamente, a memoria trazia-me as gravuras que eu, em criança, via nos livros de vulgarizações de Flammarion, com representações de paisagens da Lua. Seria aquilo parecido com a Lua desolada e fria? Que assombroso q. é este leito do Deuro, da Ferradura para aqui, tortuoso, de margens chistosas, onde correu lascas de pedra negra como lausa, de montes corricos solrefritos, de uma amarelidade incomodativa — monótono muitas vezes, deserto sempre, sem som claro de vida humana, deixando ouvir apenas o murmurho das águas ternas sobre as pedregalhas agudas!

O Príncipe da Gran-Ventura não diria aqui a exclamação admirativa que teve ao subir para o castelo; ter-se-ia provavelmente constrangido sobre a albarda da égua e tãher fechados os olhos...

Tirante a bacia da foz do Sabão onde ha certo conjunto alegre de verdura ao rez-de-agua e de arvoredos nas encostas, e onde as ondulações da terra são dum efeito cénico inesperado, tudo o mais é desolador, constrangente, embora de grandiosa conveniência. E assim se chega aqui, a este recanto torpemente onde as

elevações são maiores, de asperas far-
ruídas, riscadas por alinhamentos in-
fundáveis de ameas eiras

E ao ver em frente a casa e quinta
de Guerra Junqueiro, do outro lado do
rio, fico-me a pensar como cresceu
aqui um homem de génio! E alguém
já procurou ver se esta paisagem extra-
nha teria exercido alguma influencia na
obra do Poeta? Os críticos q. ultimam.^{te}
the tem dado para baixo como um cen-
teio verde, teriam vindo a estas paragens
e procurado penetrar o que na infancia
de Junqueiro poderia ficar a marcar pa-
ra o resto da sua vida?

Aquelas expressões violentas, as com-
parações, a tendência p.^a o exagero, não
viriam do apocalíptico desta paisagem e
da violência das águas e do vento no in-
terno que no cérebro infantil teriam fi-
cado a soar como trovões e a bater como
sibans?

Recothâmos estes juvenidos de crítica
lipseira... A noite cái, o calor abafa. O
amarelo da paisagem sufoca.

A água do Douro está mais negra,
com o entardecer...

Ai! o Minho alegre e fresco!

Barca de Alva.
 Agosto: 29.

Ora ontem, já a noite se fechava, desci á beira do rio, á procura dalgum fresco — que não encontrei. O Douro murmurava por sobre as pedras; e esse susurro era o unico que se ouvia naquela solidão escurizada.

Assim estive um bocadinho pensando no que seria a mocidade de Juppucero naquelle quinta da Batoca, do outro lado do rio, onde umas luzes annunciavam a presença de habitantes.

A certa altura, para o nascente, comecei a ver-se alguma claridade; appareceram depois nos meus contornos os montes de forma conica; e dentro em pouco surgiu uma lua cheia ou quasi cheia, por entre as ameudoeiras, que deu um tom livido a toda a paisagem já de si escura.

Lembrei-me, então, dos versos da epistola aos simples: «... e a lua cheia, além, por entre as oliveiras... etc.»

Mas, de repente, lembrei-me de q. o que ali havia eram ameudoeiras!... Filas e filas de ameudoeiras copadas e alinhadas, desde cá de Laixo, do vale, até

aos altos, em filas extensas quasi reparadas... Deude viu Jupueiro as oliveiras de que parece não haver memoria na região?

Seria liberdade poética? E porque não? As amendoas têm mais uma sílaba e iriam perturbar a cadencia do verso: «... e a tua cheia, além, por entre as amendoas...»

Não, não ficava bem. As oliveiras sim e ainda mais tinham a qualidade simpática de serem um simbolo pacifico.

Com estes considerados innocuos, o tempo ia passando e o diauro continuava a dar o unico sinal de vida, murmurando por entre os rochedos, quando ao longe se começou a ouvir o som abafado dum trovão.

Do sul surgia uma trovada q. em pouco se desenvolveu com alguma violencia; os relampagos davam mais vida ao cenário e os trovões tinham um som cavo, profundo, que parecia vir das entranhas da terra e ecoavam estranhamente por esses vales e quebradas, num sobreposição de sons impressionante.

Recolhendo ao taparejo parq. começavam a cair nos meus joelhos de chuva, notei que a simfonia espantosa que parecia

querer acalhar com o mundo, poderia ter dado a Jupueiro aquela imagem do domador de feras a chicotear trovões.

Não há duvida que a imponencia do concerto parecia vir, não dos altos reus das entranhas da terra; e que, lá de baixo, de inmensas cavernas sonoras, vinham os sons brutais das chicotadas dos Titãos dominadores.

Jupueiro teria ouvido em criança alguma dessas trovadas? Se ouviu, o que é naturalissimo, no seu espirito se teria gravado a imponencia do espectáculo e o pavor da orquestração infernal.

Alguem critico do Poeta veio por acaso assistir a uma trovada em Barca de Alua?

Veiu algum critico a Barca de Alua ver subir a lua cheia por entre as amendoieiras?

Tive eu esse parte, na feliz noite de 28 de Agosto deste triste anno de 1853; e aqui deixo estes commentarios por curiosidade — p.^a talvez um dia fazer qualquer uso deles.

Senti o domador de feras a chicotear trovões e ouvi o rugido das feras; posso affiança-lo... E vi a lua, não sem certo enternecimento, como a al-

na de um justo ir em triunfo ao
céu!...

Feliz a ideia q. tive de dar esta pas-
seiata. Alguma superiorid? adquiri no
lure os terríveis criticos de Junqueira...

Penafigal.

Agosto: 30.

Vou-me alevantar embora para o
Porto. Deixo Penafigal possivelmente para
sempre.

Completo hoje 355 dias de serviço e
faltam-me 10 para completar o anno que
me é necessario p.^a a promoção. Estão,
pois, quite com o regulamento das pro-
moções e posso deixar o serviço sem ju-
rizo.

Estive, de facto, oficialmente, 355
dias em Penafigal. Fui 13 vezes a Coim-
bra e com estas treze escapadas comple-
tei 51 dias. E p.^a completar a estatística
levo um excedente de despesa sobre as re-
ceitas de uns quatro contos e quinhentos
mil reis (4:500#00).

E' uma brincadeira que eu devo á di-
tadora, além da outra brincadeira do tem-
po seu que estive no quadro com redução
de ordenado — redução que ainda não me
lembrei de apurar devidamente.

Completéi quasi o ano de comando
necessario porque aqueles 51 dias não fo-
ram contados por serem todos de fôrça ou
licença particular.

São de Penafiel a bem com todos;
com Deus e com o Diabo e não por du-
plicidade minha mas porque tive o cuidado
de tratar com as pessoas conforme o
que as pessoas eram. Não estabeleci en-
teira unica e assim creio que a minha
provação saida definitiva será tomada
com certa pena.

Basófia?

Coimbra.

Setembro: 2.

Apresentei-me ontem no Porto, no
Tribunal Militar. O presidente não esta-
va; o promotor e juiz auditor não esta-
vam; o defensor, a mesma coisa...

Falei pelo telefone com o presidente
que pelos fios recebeu a apresentação.

Fui ao Quartel-general onde o chefe
do Estado-maior me recebeu com ares
sibitinos; e onde o Schiappa de Azevedo
me tratou muito bem mas ~~me~~ deu-me
a impressão de que não teria gostado
muito das m.^{as} ultimas confidenciais.
No entretanto autorizou-me a vir para

Cóimbra e disse esperar que eu não fal-
te às sessões...

Sempre correcto, atencioso, mas desta
vez não sei se preocupado com um traba-
lho que tinha sobre a mesa ou se algum-
tanto frio por causa das minhas novida-
des de comando.

Enfim, aqui estou. Qualquer dia irei
a Caldelas — e depois esperarei os avisos
para comparecer às sessões.

Boa vida, afinal.

Caldelas.

Setembro: 16.

Desde 7, á tarde, que aqui estou, na
mesma monotonia dos outros anos —
olhando para o largo vale do poente ou
para a sucosta norte em que as oliveiras
dão certo tom plumbico á verdura dos pi-
nheirais.

A mesma coisa sempre, a mesma
monotonia, a mesma solidão no meio do
bullício dos cento e tantos hospedes do hotel,
ouvindo a musica dum terceto modesto
de manhã e á noite e ás vezes os roncos
dum aparelho radiofónico que a empresa
tem ás ~~suas~~ ordens de quem gosta.

Mas tudo isto continua a ser para mim
o mesmo refrigério anual; sinto o mes-

meo bem estar depois do ano passado no
 contacto com a vida e só lastimo não
 poder prolongar esta cura por mais tem-
 po. No prox.^o dia 20 terei de largar isto e
 seguir para casa — e lá vou outra vez
 envolver-me na m.^a vida actual, ~~com~~
 (será exagerado, o termo?) e sem finalida-
 de, suportar todas as contrariedades e des-
 gostos, etc. etc. etc.

Que agradável que está, neste momen-
 to, a vida! que brilhante que está o verde
 de dos plátanos e dos pinheiros da encosta
 fronteira, que bom que é este retiro tran-
 quilo!

A vida tem seus encantos, encanto,
 mas como se passa um dia bom com a
 infirmitade de dias ruins!

Adiante.

Coimbra.

Setembro: 24.

De volta a Coimbra. E aqui estou á es-
 perança do aviso para comparecer no Tribu-
 nal. A situação tem o seu quê de escan-
 daloso... mas que culpa tenho eu que os
 regulamentos assim determinem?

Ha 24 dias que recebo ajudas de custo
 (45,00 diarias) e ainda não fiz qualquer ser-
 viço official!

esperêmos, pois, por ardeus. E eu-
quanto elas não vêm, vamos a ver se
causijo algum trabalho útil.

Coimbra

Outubro: 3.

Hoje completo 54 anos! Quando pen-
so que cheguei a esta idade e nada apresen-
to de importante feito na m.^a vida — fico-
me a olhar p.^a a vida de outros homens...

Mais de meio século sem qualquer coi-
sa de útil!...

Esses folhetos que tenho publicado, a
minha vida de funcionario militar e a
m.^a contribuição para bem da comunidade
— o que são além de lapatelas se não são
mesmo utilidades?

Meio-século é já muito para uma vi-
da inútil.

Coimbra

Outubro: 11.

Vim ontem, no Porto, a m.^a quinze av-
diencia no Tribunal Militar Territorial.

Logo de entrada, recebi um bilhete de
recomendação de um coronel Paul de Me-
neres Vieira Coelho que eu não conheço, no
qual havia benevolencia p.^a um dos jul-
gados nesse dia. E o escrivão do Tribunal

também pediu igual benevolência para o mesmo com a alegação de que o rapaz era tarado.

Começo, pois, a tarefa com a netta e considerada suspensiva.

A sala do Tribunal tem certo aparato e solenidade. No pessoal ha tambem mais compostura do que n'um Vizeu: maior numero de refermeados em cadeiras de rodas; sentinellas de baioneta armadas, em sentido; os officiais com charlateiras, etc. etc. — Tudo com severidade que realmente é necessaria, embora a Justica seja o que, infelizmente, ainda é.

O presidente, neste quadrimestre, é o coronel de Cavalarias Alexandre Tracio de Barros Van-Zeller, de origem holandesa, alto, esguio, já todo branco. Comandante de Cavalarias 9, tem preoccupações de cavaleiro e de fidalgo, e é homem de completa confiança da actual situação politica. Orpulta-se de ter conhecido, em criança, com o actual rei Alberto, da Belgica, e de este lhe pôr um freio de cordel, com as competentes redesas, tambem de cordel, e o obrigar a fazer de cavalo para o que lhe dava as devidas e bem puxadas chicotadas. Orpulta tem cabido em fidalgo: servir de cavalo a um principe...

O juiz auditor, o dr. Alberto Alencão da Fonseca Bardalo, meu contemporâneo mais velho de Coimbra, é hoje um velho juiz sereno, ponderado, que mantém com dignidade o seu lugar, expõe com simplicidade os factos e interpreta com clareza a Lei. Ha trinta e tal annos fazem, este homem com aspecto bonacheirão, conservador, de calva bem evidente, era, quando estudante, um dos paulegos que em Coimbra deixou nome — e até deixou a alcunha de balalaca cuja origem agora me não ocorre. Era desordeiro, valentão, bom bebedor; mais boêmio, mais arruaceiro, cabula á mistura e fomesiro incorregível. E hoje é o juiz auditor dum tribunal militar, cheio de dignidade e de consciencia do seu cargo. O que trinta e tal annos fazem na vida dum homem!

O promotor, o tenente-coronel Joaquim Jeronimo Carneiro de Brito Faria, é um ~~se~~ ambigo e ardisifulo da Escola do Exército que, por perder um dos annos ficou para o curso seguinte. É um pobre rapaz, insignificante, destes homens que tornam tudo pelo seu lado utilitario e por isso é promotor como poderia ser defensor se a regra, na occasião, lhe con-

riente. É um funcionario e creio que cri-
terioso. Tem exposições pouco facil mas
com a vantagem de ser breve.

O defensor officioso, o capitão do Infan-
taria Luis Pereira Faccina, é muito diferen-
te. Tem linha, tem até certa imponencia;
a propria figura o ajuda bem. É moreno,
de olhos grandes e inteligentes; testa larga
e cabelos negros e correados que ele afaga
com solenidade quando fala; mãos de
grande mobilidade de que parece tirar
partido quando gesticula; voz forte e so-
nora, maneira de falar fluente, retórica,
genero antigo, mas afinal agradável pela
forma correcta e sóbria de que usa. Está
bem no seu lugar, toma o seu papel m.^{to}
a sério (o que é simpatico) e até a sua
farda bem vestida e bem feita ainda ha
varias medalhas, o ajuda com vantagem.
Tem ao discursar, um jogo de dois bra-
ços muito curioso; um para as mãos, en-
tra para o rosto — e com eles tira certos
efeitos. É interessante. Exerce o cargo ha
uns 10 annos com geral agrado.

Quer o promotor quer o defensor, nos
cumprimentos do estilo ao commecar os
quadrimestres, foram avarais para
com os novos juizes. O promotor foi
sôbrio, lembrou simplesmente que

os dois juizes militares foram seus con-
discipulos e amigos e por ambos tinha a
maior estima e consideração.

Mas o defensor aborçou-se em con-
siderações retóricas, com frases flareadas:
evocou p.^o seu o Wau-Teller os primores
e gallardia da velha cavalaria portugueza;
e a meu respeito quiz traçar um perfil
lisonjeiro em excesso, afirmou conhecer-
me, de nome, ha m.^o tempo e saber que
eu tinha autorid.^e enorme como julgador
por ser ainda um dos representantes da
disciplina da velha escola, austera e im-
placavel, tolerante a paixões, etc. etc. O
retrato não foi, malta a verdade, muito
verdadeiro; mas enfim, no final da au-
diencia, tive de lho agradecer.

Os réus foram dois:

1) Antonio Marcelino, desertor do re-
gimento de Inf.^o 18, natural de Arucasmar;
tipo acromial; e

2) Jose Ferraira de Araujo, tambem de-
sertor, do regimento de Inf.^o n.^o 8, natural
de Barcelos. Tipo normal, esportado.

Crimina.

Delictos: 14.

Deuam, segunda audiencia no Tribu-
nal, com 3 réus, um dos quais poli-

cia da segurança pública da cidade de Braga. E como o caso deste agente tem certo pitoresco, deixo-o aqui mais explicado do que os outros:

3) Antônio Joaquim Lopes da Cunha, sub-chefe da Polícia de Braga, antigo suicidador.

Tem Abril deste ano, salvo erro, houve em Braga uma procissão do enterramento, á noite; para melhorar efeito as luzes das ruas por onde passava foram apagadas e apenas o cenário era iluminado pelas velas dos irruãos das Irmandades, etc. A certa altura, na rua do Soubo, um fotografo fez explodir um canudo de luz de magnésia; o clarão causou pânico; o barulho dos vidros das ruas e das quebraças aumentou o pânico; o mulherio que tinha filhos a fazer de anjos na procissão entrou de fazer farrufavel gritaria — e a policia, á ordem dos officiais seus chefes, desatou a acalunar e a reconstituir a ordem... á paucada. Este sub-chefe foi visto pelo Delegado do Procurador da Republica a bater numa pobre mulher que gritava por um filho e increpou-o; daqui troca de palavras, queixas, participações, etc. E o homem veio ao Tribunal. E como, quer o juiz

auditor quer o presidente entendesse que era necessario manter o prestigio da autoridade (!!), o sub-chefe foi absolvido!... Eu levantei o problema seguinte: se a autoridade cujo prestigio se deveria manter não era, de preferencia, o delegado do Procurador da Republica — e fi-lo da maneira mais amavel; procurei convencer os dois de que seria preferivel dar-se uma leve penalidade ao homem, mas nunca uma absolvição. Não houve mais e o réu foi absolvido. Pensei em assinar vencido, mas não o fiz para não parecer catunrice ou possivel incorrecção p.^a com os colegas... E o publico não comprehenderia a discordancia que era apenas de principios.

4) Luis Antonio da Costa, soldado desertor do regimento de Inf.^a n.^o 3, natural de S. Martinho da Gaudara, concelho de Ponte de Lima. Officio carpinteiro.

5) Manuel Ferreira da Costa, sold.^o do regimento de Inf.^a n.^o 18, natural de Aguas Santas, conc.^o da Maia. Pedreiro. Officio em questões de dinheiro.

Nota curiosa: os jornais de hoje, noticiando a audiencia, tiveram a avareza de occultarem o julgam.^{to} do policia absolvido. Naturalmente a censura te-

ue o cuidado de certar, para que o pres-
tício da autoridade não sofresse a mini-
ma parcela...

Porto.

Dezembro: 17.

Hoje, 3.^a audiência, bastante movi-
mentada e que só acaba amanhã.

Trata-se de um caso complicado por
vários motivos e os réus são seis: um
friso curioso de caras de varias especies
e de variadas caras. Trata-se em resu-
mo de uma especie de quadrilha que exis-
tia no Grupo de Arbeta de Montanha n.^o 15
em Vila do Castelo: os quarteleiros rou-
bavam os generos das arrecadações para
os vender por baixo preço a certo carro-
ceiro da cidade Antonio Martins Cabane-
las Junior; havia tambem roubo de ar-
reios e vario material de guerra; tenta-
tiva de arrombamento do cofre do Con-
selho Administrativo; roubo de caixas de
roupas de outras peças do regimen-
to; etc. etc. — um conjunto tão extra-
nho que fiquei sabendo que naquela uni-
dade militar não havia qualquer fiscaliza-
ção e todo corria á matroca.

Nos depoimentos de accusação os ofi-
ciais e os sarventos saíram-se, e

claro, em saúde e afirmaram conti-
nuas vigilâncias e verificações reparo-
ras, sacudindo muito deshoastamen-
te a água do capote. Mas o pior é que,
pelo processo, que fala bem claro, se prova
o contrario. Os reus pomam muito
cautos a ponto de a defesa chamar correcto-
mente a atenção para o enorme desleixo
em q. estavam os serviços, desleixo que pro-
voca os crimes e transgressões por que
estavam a responder aquelles réus.

A defesa pretendeu adiar o julgam.^{to}
alegando multidade no processo e outros
expedientes — mas o auditor opôr-se e o
Tribunal não autorizou.

Até 18 h. ainda se estava no interroga-
torio dos réus. Duras acessas, ar de cau-
çasso em todos. Até 18 h. e 30 m. foi inter-
rompida a audiencia p.^a recommear ama-
nhã.

Os réus são:

6) Francisco Manuel de Oliveira
Carvalho, 1.^o cabo daquelle Grupo de Artilh.^a
e filho do visconde de Traião e natural de
Barapa — neto, por consequencia, do fale-
cido coronel de Inf.^a Pereira Dias e ainda
sobrinho-neto do general de Euzebanio
ha pouco falecido Pereira Dias, por sinal q.
excelente pessoa e homem sério. Este

rapaz é um desequilibrado. Recebeu
 ha uns tres annos a legitima paterua por
 chegar á maiorid. e em poucos meses es-
 trapou tudo; e depois dum cunhado o
 querer encarreirar p.^a o commercio, veiu a
 assentar foga e se na carreira comer-
 cial nada conseguiu, no exercito foi sem-
 pre um indisciplinado. Neste processo é
 o accusado de tentar arruinar o cofre regi-
 mental, de vender generos entregues á
 sua guarda e ser propriamente o chefe
 da quadrilha.

São rinas, diz o Povo. É a decaden-
 cia das raças finas, direi eu.

7) João Moreira, 1.^o cabo quarteleiro.
 Natural de Vila de Moura, Mourão e anti-
 go caixeiro.

8) Antonio Pereira Baptista, 1.^o cabo e
 antigo estudante. Casado por ser obrigado
 a seguir a estufa em meuar. Natural
 de Alorim, conc.^o de Barcelos.

9) Antonio Francisco da Costa, soldado
 carroceiro do Grupo. Natural de Vila-mo
 conc.^o de Viana do Castelo. Laurador antes
 do serviço.

10) Domingos Fernandes, tambem sol-
 dado carroceiro, natural de Arcozelo, con-
 celho de Ponte de Lima, Laurador antes de
 ser soldado.

11) António Franco Maia, sold.º telegrafista da secção de T. S. F. do Grupo. Natural do Funchal, ilha da Madeira e era, antes do serviço, radio-telegrafista. Pelo processo parece ter sido o intermediário entre os guay teleiros e o alquilador Caldevelas.

Uma quadrilha.

Porto.

Outubro: 18.

A audiência acabou, finalmente, ás 18 horas, deixando duma impressão de cansaço. A defesa alegou habilmente a anomalia das faculdades mentais do 1.º cabo Carvalho a quem chamáramos o fraião e ~~para~~ requerer reunião do Tribunal para resolver o caso — mas o Tribunal não esteve pelos ajustes... O debate a propósito do interrogatório das testemunhas foi interessante, tanto mais que entre estas havia um advogado. O discurso da defesa foi muito bem urdido, muito correcto e lógico, e deixou-me uma excelente impressão.

Resultado: varias penalidades conferiu o valor da falta e absolvição do soldado carroceiro q. ficou mencionado com o n.º 9 na pp. anterior. Para salvar o cabo Carvalho, o fraião, moveram-se em

pechos de toda a especie junto do auditor e do presidente. A mim, miyquem pediu certamente por me não tirarem impar-tancia...

Escrevi hoje ao cor.^l Goleu Godinho que actualmente exerce as funções de ajudante general, perguntando se o ministro autorizaria a m.^{te} volta ao Quadro de arma e se ele seria capaz de o ponderar a esse respeito. Quero ver se me tiro de de-mafiel; o desarranjo q.^o isto me causa é enorme — e mal por mal...

Coimbra.

Outubro: 19.

Os jornais de hoje dão a noticia da audiencia de 17/18 mas não mencionam o nome do 1.^o cabr. Carvalho. Certamen-te pedidos da familia para se não deslus-trar o brazão...

Coimbra.

Outubro: 20.

Hoje nova audiencia, a 4.^a, bastan-te rapida com 2 soldados e um reforma-do. Teram eles:

12) Carlos Galheiros, sold.^o do regime.^{te} de Inf.^{te} 3, ainda recrutado mas já com 26

anos; natural do concelho de Melgaco e
veiu ao Tribunal como desertor.

13) Antonio Ribeiro da Silva, soldado
reformado da 1.^a Comp.^a de Reformados; 52
anos, antigo soldado de Infant.^a que tomou
parte nas campanhas da Huila e Guarna-
to em 1706-1807, com varios louvores na sua
folha de serviço. Natural de Felgueiras, co-
cheiro antes do serviço e actualmente sem
occupação. Tipo alto, elegante, bem vestido,
com os cabelos já brancos e aspecto physio-
nomico que nada diz á su.^a observação.
Veiu accusado de, em 1 de Maio deste anno
em Guimarães onde reside, com outros
individuos, depois de uma ceia cerca das 3
p.^a as 4 horas de madrugada, ao passá-
rem pelo Largo do Toural, darem vivas e
marras a D. Afonso Henriques deante da
sua estatua. Ora a policia que tem obri-
gação de ser nacionalista, interveiu; pal-
outra puxa palavra, etc. etc. e aqui está o ho-
mem medido em conselho de guerra...

Eu levei isto á conta de lebedeira e
quize absolver o homem; mas os outros
juizes vieram com o argumento do pres-
tígio da policia, da alteração do possêgo
publico e dos maus antecedentes do réu,
sem entrarem com as atenuantes dos lou-
vores adquiridos em campanha; eu só

concordei com o argumento dos meus antecessores que aliás a folha do registro criminal justificava, mas não me confiei com os outros. E como a m.^a discórdia não aprofundava ao réu, deixei que o homem levasse uns 10 dias de prisão — os quais, se não fosse eu, teriam sido triplicados!... Era o que o juiz já tinha escrito. E por dar novas ao D. Afonso Fleury ves! berime de terra-nupestade, pelo visto.

Não estão a gostar muito desta justiça que me não parece de olhos vendados.

14) Adelino Augusto da Silva, soldado do regimento de Inf.^o 8, natural da Povoação do Lanhoso, antigo creado de servir, 36 anos e acusado de desertar. O caso deste merece-me mais umas palavrinhas. Tipo muito curioso: testa deflexada, largos maxilares, nariz adunco, queixo um pouco recolhido, bipode muito ralo; alto, em tronco, boca rasgada com arcos parcaísticos e olhar um tanto em quanto de coruja. Tipo, pois, de aspecto muito estranho. Despedido de um rancho de galinhas em Abrissô, conc.^o de Vieira do Minho e do, quando recebeu guia para se apresentar neste Tribunal para ser ouvido no processo que por tal motivo lhe levantaram, ter deser-

tado. Na sua folha ha um exteudal de faltas, cujas militares mas quais se contam oito deserções e outras de caracter civil em que ha varios crimes de furtos julgados na comarca de Vieira. Um completo desgraçado. E' casado, tem cinco filhos e e' polerissimo. A unica prova de sensibilidade que mostrou foi quando no libelo se falou dos filhos e da sua polereza: os olhos molharam-se e teve lippira crise de choro.

E a Sociedade não tem remedio para estes casos em vez de os estar a condenar constantemente?

Parece que não. E assim este homem que desde novo anda em constantes cumprim^{tos} de sentenças, continuará pela vida fora no mesmo fadário.

E' assim que a Sociedade se defende?

Adiante. Isto levaria os commentarios p^o muito longe...

E agora outro assunto.

Salazar deitou fora, ou melhor: deixou-se interviewar...

E' claro que repisa sempre os mesmos temas, a mesma condemnacão da Política e as mesmas ameacças contra os perturbadores «da tranquillid^e nacional»

que constituem apenas « um simples caso de policia... » E depois de considerandos acerca do marxismo, da revolução francesa de 89 e dos indesejáveis portugueses que é necessário pôr em situação de não prejudicarem e importunarem a revolução nacional termina por declarar com clareza:

« — Temos - nos até agora, numa simples defensiva. (...) Estão a ver agora q' só ha um remedio: transformar a defensiva em ofensiva e não consentir que os reus tomem atitudes de juizes. »

Cá ficámos á espera da ofensiva.

Crimina.

Outubro: 22.

Receti hoje carta do Coleu Godinho a quem escrevi em 18 passado. Separe-se imediatamente a tratar do assunto.

Crimina.

Outubro: 24.

Hoje houve audiencia no Tribunal, a 5.^a da serie; foi curta apesar de quatro processos e deu-me tempo a apaukar o rapido da tarde.

Os reus foram quatro que aqui deixo relacionados por curiosid^e:

15) Jose' Mourato Sabseiro, sold.º da Guarda N.º Republica, natural de Alpalhão conc.º de Niza, acusado de bater num civil na vila de Penele (Coimbra). Já respondera em Vizeu mas como recarresse, veio responder aqui — no q. nada ganhou porq. lhe foi confirmada a pena.

16) Albano Ferreira Velho, sold.º reformado da Guarda N.º Republicana onde foi conseteiro. Natural do Belarico de Ovar, 35 anos, empregado commercial. Pertenceu ao C. E. P. onde teve laureas e mereceu condecorações. Acusado duma rixa com um colega a quem prometera rachar de cima a baixo. Só promessa, parece; e por isso absolvido.

17) Joaquim dos Santos, sold.º de Infantaria reformado, antigo combatente do C. E. P. Natural do V.º Real de Trás-os-Montes, 37 anos e jornaleiro. Acusado de rixa num taberno com o respectivo taberneiro que apunhou com uma garrafa na cabeça, etc. Também absolvido.

18) Jose' Teixeira, sold.º do regimento de Inf.º n.º 18, natural de Massarelos, Porto, acusado de deserção e extraneo de artigos. Cadastro anterior ao assentamento de graça, levado dos diabos; depois de soldado varias deserções. Outro desgraça-

do, alcoolico, audivo maritimo, muito
 batido por Africa e pelo Forte da Guiza des-
 de os 20 annos. E a Sociedade defende-se
 mantendo estes honreiros ~~mantendo~~
 alternadamente pelas prisões e sua liber-
 dade. E fica, segundo parece, satisfeita.

Coimbra.

Outubro: 26.

Recebi hoje carta do Tomás da Fonseca
 com pedido para eu abrir a 1.^a sessão do
 ano lectivo da Universidade Livre, na qual
 virá falar o Joaquim Mauço acerca do
 Infante D. Henrique.

Accitaria de bom grado se o caso não
 tivesse complicações. Estão oficialmente
 no Tribunal Militar do Porto e seria neces-
 sario solicitar autorização.

Coimbra.

Outubro: 28.

Ontem, no Porto, 6.^a audiência com
 mais dois processos.

Antes, porém, da sessão trocaram-se
 impressões acerca dos acontecim.^{tos} de Bra-
 gança onde uma revolta de cabos do regi-
 mento de Infant.^a matou um tenente 9.^o
 estava de serviço e era dirigida por um
 sargento — á maneira da revolução de

bulha que tanto tem dado q. falar entre militares. Vi no coronel Wauzeller certa preocupação para não dizer parâ. Dizia-me repaamente que havia ligações com a guarnição de Chaues, Braga e Lauro e que o caso era muito serio. Etc. etc. Alguma coisa mais ele sabia q. me não quiz dizer e que tanto o preocupava.

Os réus foram:

19) Eduardo Cardoso, sold.^o do regim.^{to} de Cavalaria 7, natural das Caldas de Aregos, ambigo jornalista. Acusado de reulos no regimento. Outro desgraçado.

20) Luís Machado jornalista, por alcunha «o Baía», da Juremeira, concelho de Moncorvo. Julgado á revelia por assassinio na pessoa do regedor da freguesia. Depois de altercações na loja do regedor em que o réu lhe ofendeu a honra da mulher, este vibrou-lhe um golpe de canivete de tal parte que, indo direito ao coração, o matou. Drama puramente transmontano. O defensor fez a defesa com certo lenho quer nos interrogatórios, quer nas alegações quer no discurso final. Este rapaz é real empregado em não ter curso de Direito e poder advogar a valer em qualquer tribunal.

Coimbra.

Outubro: 31.

Sloje, a 7.^a audiência com 4 reus —
mas q. me deu ainda o tempo de vir no
refeido da tarde.

Fareu eles:

21) Joaquim Moreira, sold.^o do Guarda
N.^o Republic.^o, natural de Castelaes de Re-
cesinhos, conc. de Penafiel. Boa figura, de
40 anos, um pouco calvo já. Viuvo. Acu-
sado de violentar uma menor de 15 anos
com a qual vai casar; mas como não
passou ainda o prazo imposto pela Lei pa-
ra o 2.^o casamento, o defensor p.^o das tem-
po, requerem a presença de mais testemu-
nhas q. não estão no processo. O Tribunal
aceitou e a audiência foi adiada.

22) Antonio Teixeira, 1.^o cabo de sarge-
naria por distincão, do Batalhão de auto-
mobilistas; antigo serralleiro, nat.^o de
Castelo de Paiva. A promoção veio-me-
da acção que teve contra os revoltosos de Ma-
deira em 1831. Acusado de, como coman-
dante duma escolta q. ia p.^o Elvas com um
preso, não deixar entrar no camparti-
mento que tomára no comboio na Cam-
panhã, outros passageiros apesar de ha-
ver lypar e das indicações do chefe da esta.

ção a quem resistiu. Foi condenado; ficou, porém, com a pena suspensa.

23) Leis Moreira Soares, sold.^o do Batalhão de Metralhadoras n.^o 3, com 19 anos, natural de Campelo, conc.^o de Baião, antes do serviço m.^{ar} marítimo em Matôzinhos. Acusado de abandonar o distrito da guarda, uma tarde, e ir de passeio até a rua de 31 de Jan.^o no Porto, mas por pouco tempo porque se arrependeu e voltou... Habituado de liberd.^e de marítimo. Consegui que os outros juizes concordassem em o caso ser considerado falta disciplinar e não crime; senão fosse assim, lá ia o rapaz com 19 anos correr a via sacra do crime p.^o os presidios.

24) Alfredo Thiers da Silva, sold.^o do regimento de Inf.^o 6, natural de Miragaia, Porto, 22 anos, casado, ambigo empregado da barris. Acusado de deserção. A mãe e a mulher, gente mal vestida e de aspecto miseravel vieram pedir-me misericórdia. Tudo isto é uma tragedia verdadeira, isto é simplesmente horrivel — e a Sociedade tem todas as responsabilidades nestes e noutros casos.

Consegui reduzir ao minimo a penalid.^e — mas não consegui mais.

CriminaNovemb^o: 1.

Ontem, no Tribunal do Porto, antes da audiência e a propósito do caso de Bragança a que já me referi embora ligeiramente, ouvi o bom e o bonito.

O cor.^l Wauzeller, com ar de pessoa inquieta dizia:

— Vamos a ver o que faz o Salazar!
Sempre quero ver o q. faz o Salazar!

Do mesmo tempo que o promotor, como seu eco, nervoso, acrescentava:

— O Salazar o que tem é que nos defender! Tem de nos dar os meios de defesa!...

E o coronel, ainda ao esmoer as charlatanas:

— E que vá para a pena de morte! Não só com fusilamento!

Aqui temos a atmosfera em que vivem os defensores da ditadura. Suereem meios de defesa e a pena de morte.

E o mais curioso é que, durante a conversa, entrou um major reformado que faz serviço no Distrito de Recrutam.^{to} e contou, exaltado, que tinham ido ao próprio Distrito nos hauseus da policia politica e prendido um tenente Mendonça e querido

levar preso um outro oficial que morrera
 há seis meses! O major, gesticulando,
 dizia que no país nunca tal se fizera: ir
 a um quartel prender oficiais em serviço
 efectivo! e prisão feita por civis!... E di-
 zia ainda, com certa graça, que as informa-
 ções eram tão exactas que até se queria
 prender gente morta há seis meses!...
 Acrescentou que ás 14 h. ia ao Quartel-Ge-
 neral, falar ao tenente Schiappa e expôr-
 lhe o caso que classificava de infâmia, etc.
 etc.

O coronel Wauzeller e o promotor iam
 espreitando em péco. Eu, o juiz auditor e
 o defensor... muita carrasco! nem uma
 palavra, por causa das devidas...

E p.º terminar...

Iloje, no Quartel-general de Coimbra
 soude fui receber o soldo, vi por inconfiden-
 cia minha (confesso a falta...) uma nota
 do cor.º Joaquim Torres, command.º do regi-
 mento de Inf.º n.º 19, de Aveiro, em que co-
 municava ter punido um alferes Sabino
 com não sei quantos dias de prisão disci-
 plinar porque, sendo proprietário dum jor-
 nal que se publica em Pinhel, pretendia
 transcrever no mesmo um trecho duma
 publicação clandestina soude « se devidava
 "dos merecimentos do sr. Ministro das Fi.

manças» — o que foi evitado pela censura que por sua vez chamou a atenção das autoridades superiores.

A publicação tem o nome de A Verdade. Coincidências curiosas...

A mi.ª memoria não tem a certeza se a nota dizia na redacção do castigo «se devida» ou «se giunta em devida.» Duma forma ou doutra, o caso era o mesmo. O certo é, porém, que já se castiga um official por «pôr em devida»...!

Coincidenças

Novembro: 5.

Hoje no Museu Machado de Castro a inauguração das novas salas de pintura organizadas pelo Vergilio Correia, o actual director.

Concorrem muita gente e o director fez uma ligeira allocução.

Passando pela memoria factos de ha um ano, quando passei Ant.º Augusto Gencalves, e conversei com o Vergilio Correia, na noite de vê-lo em casa do morto; e ouvindo e vendo coisas de ha um ano para cá; entrando até as transformações que vi no Museu para o julgamento — fiquei com a impressão de que a vida do velho Professor era um empecilho para este

rapaz cheio de vontade, de ambição e, até, sem grandes escrúpulos; e ainda pensei que, possivelmente, a queda do velho, há um ano, fosse para ele um alívio.

Estarei a caluniar?

O Vergílio foi discípulo dos jesuítas no antigo collegio de Campolide e é possível que dessa educação tenha tirado todas as vantagens p.^a a vida. E nesta quebra que atravessámos os sentimentalismos são prejudiciais e estão, mesmo, fora de moda.

Tudo isto são impressões ruins, não são dogmas. E oxalá não esteja eu a caluniar.

Lá encontrei o Tomás de Taveira entre os curadores; pareceu-me um tanto ou quanto desalentado — o que me não admira. Disse-me que a Câmara resolveu ceder a sala das sessões para a conferência do Joaquim Mauro sobre o Infante D. Henrique com a condição de recusarem da Universidade. Direi falar!! Quem abrirá a sessão e dá o ano lectivo por começado é o presidente da Câmara!... e isto pelo receio de que se dissesse qualquer coisa que desagradasse á policia!!...

Assim foi melhor, afinal... E fico
 em livre de anatórias que me desagradá-
 riam — pois não reimpato com o ilus-
 tre Joaquim Mauro que era, no tempo
 de estudante o «padre Mauro.»

Disse-me ainda o Tomás que levá
 nos autos, a-proposito do Nuevalvares,
 uma tarefa em forma na revista Bro-
teria, dos padres jesuitas.

Ainda bem!

Da roupa de S.^{to} Inacio não pode
 ria ser levar.

Coimbra

Novembro: 6

Aqui estou na biblioteca da Faculd.
 de Letras a copiar ipsis verbis, da secção
 bibliografica, a pag. 160, do n.º 2-3 do vol.º
XVII, de Agosto - Setembro de 1933, da Bro-
teria. Revista Contemporanea de Cultura
 a lora que os da Campañhia se dignaram
 aplicar-me:

« Pimenta, Belisario. Nuevalvares,
cheife militar. — Vol. de 125 x 195 mm. e 62
 pag. Coimbra, 1932.

« Mais outra conferencia ⁽¹⁾ na Uni-

⁽¹⁾ Anteriormente a esta noticia bibli.

versidade Livre de Coimbra. O mesmo propósito de inutilidã, embora servido por processos meenos attributarios que a precedente. E', parem, de notar a divergencia de juizos, sobre o mesmo ponto de discussã. Expuzanto o Sr. Thomás da Fonseca verifica que o culto catolico pões N. S. Matuares « com os pés para a coua » Paelisario Pimenta testemunha que « ha um certo tempo tem ganho de uma fortuna extraordinaria em horas e proveito. » Quem fala verdade na Universidade Livre de Coimbra.

« Ao Sr. Pimenta, pensa-lhe ver o seu destavel envolvido « em tanta fumaca da de incesso » feito « mandatario da di-vidindade em empresas guerreiras » ; pensa-lhe ver como são « aproveitadas certas circumstancias da sua vida e acontecimeutos após a sua morte, reveladeras da ignorancia da epoca (!) para exaltar a sua figura á categoria de modelo de perfeição moral. » Quiz ele, por isso, trazer o seu perfil guerreiro a mais verdadeira luz mostrando que nos estoleiros

grafica nem uma outra relativa ao opusculo do Thomás da Fonseca. Esta noticia que vem a pag. 150-160 é insultuosa e indigna da categoria da revista.



« não inventou o quadrado de Infantaria,
 " em Aljubarrota não fez milagre nenhum,
 " nem teve qualquer revelação em Valverde
 " e afinal foi um homem como os outros. »

« Quanto ao juizneiro, com natural
 espanto nosso o Sr. B.P. depois de raciocí-
 nios abstrusos, concede que a tática dos
 Atóleiros representa uma inovação deu-
 tro dos limites concretos das recentes re-
 dificações da arte. O leitor pensava, tal-
 vez, nos limites abstractos. E' afreuder
 e... adeante. Se ainda duvidar, repare
 nesta exclamação soltada... pelo Caudes-
 tavel ao romper o combate: "Amijos!
 nenhum duvide de mim!" Estas palavras,
 com effeito, nada tem de milagrosas!!
 Em Aljubarrota, tambem, não houve mi-
 lagre, porque Dom'Alvares fez um pla-
 no strategico e adoptou disposições tacti-
 cas admiraveis (?) que os castelhanos
 não souberam nistimular ou inutili-
 zar (!!). Nada, jorem, de sobrenatural!
 Se o Senhor S. Jorge tivesse tomado á sua
 conta a faina da peleja, então sim, e ba-
 rões deveria estofar-se ainda mais
 nos sopros da tuba ~~estufa~~ sonora. Em
 Valverde, não houve, igualmente, reve-
 lação nenhuma, porque Dom'Alvares com
 os seus tres mil homens, divididos pelo

Guadiana, apesar de cercado por trinta mil castêlhanos (olá!) e seu terreno na da favoravel ao atravessar o rio, soube conquistar uma posição segura e, reunindo os factores naturais (olá! olá!) da exhortação e da lisouja, atacou o ponto vulneravel da hoste contraria para, finalmente, sair triunfante. « Se me-
"termos o sobrenatural como auxiliar
"estragâmos tudo. »" Sim. Mas e' quem
vares é que teve a culpa, ao julgar-se
dever a Deus, de especiais auxilios nes-
tas tres conjunturas!...

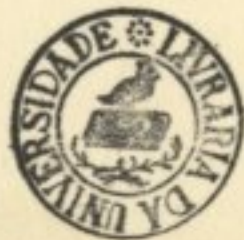
« O Sr. Pimenta saberá o que é o so-
brenatural ou terá qualquer noção de
ideia das modalidades da intervençao dele
nos factos naturais? Não sabe. Por isso,
disparata tanto que faz zebra.

D. M. »

Estas iniciais serão do P.^o Domingos
Mauricio? Dizem que este ecclesiastico é
pessoa inteligente. Sendo a noticia dele, é
bastante inferior a amostra da sua inteli-
gencia critica.

No mesmo numero da revista, a pag.
165, vem outra nota bibliografica relativa

(1) Frase da 1.^a conferencia.



ao poema A História maravilhosa de Nu-
n'Alvares de Tuzarte de Mendonça; vem
 assinada pelo mesmo D. M. - Começa
 assim: « As arreuebidas brevas do jaco-
 "binismo contra as figuras maximas de
 "Portugal surgiu, na parte sã da maçã, um
 "movimento instintivo de defesa p.^a guar-
 "dar intacto o que é sagrado no larário da
 "Patria e da Igreja. »

E segue assim.

Ora suppranto a critica fôr como a
 que acima ficou poderei dormir descau-
 çado e sem necessidade de emendar o
 que escrevi.

Coimbra.

Novembro: 9

Outem, oitava audiencia com 6 news
 em 4 processos.

25) Americo dos Anjos Fonseca, 2.^o par-
 gente de Artell.^a, natural de Vila-flor, de
 Braz-os-Montes; 46 annos, casado, antigo
 krotha antes de assentar praça. É actual-
 mente fiel do deposito do Material de Guer-
 ra da rua do Treixo a' Campaunhã onde re-
 side. Acusado de ter disparado um tiro
 de arma caçadeira, da janelo da sua resi-
 dencia sobre uns ratoneiros que escala-
 ram os muros da cerca ao lado para rou-



bareu urvas e galiúhas; deu-se o caso ás 9 h. da manhã e o tiro foi cravar-se nos lombos dum operario vidraceiro que foi o ultimo a fugir...

26) António de Sousa, sold.^o do regimento de Sapadores dos Cam.^o de Ferro, antigo ajudante de chauffeur, 23 anos, natural de S.^{to} Tirso. Acusado de desertar pela segunda vez e de extrair de artigos. Destro desgraçado, vítima do ambiente dos quartéis.

27) José M.^o Remedio, 1.^o cabo ferrador do regim.^o de Telegrafistas, do Porto, natural da Zebreira, conc.^o de Idanha-a-Nova; 24 anos, casado, antigo ferrador.

28) Joaquim Marques dos Santos J.^o sold.^o do mesmo regimento, natural da Figueira da Foz, antigo fumileiro.

Acusados os dois de se envolverem em desordem depois do segundo não acatár uma ordem do primeiro. Trocáram sócos rijos segundo parece.

29) António de Carvalho, 2.^o cabo do regimento de Telegrafistas do Porto, 25 anos, natural de Castro Daire, antigo serralheiro mecânico.

30) António de Jesus Marques, sold.^o do mesmo regimento, natural do Cabeçudo, freguesia do conc.^o da Sertã, 22 anos,

casado, autêntico serralleiro e vários veres
punido por bebedeira.

Acusados os dois pela mesma falta
dos anteriores: desordem e paucidade.

Nota interessante: estes quatro réus
foram julgados pelo critério ou teoria da
manutenção do princípio da autoridade e
assim os cabos foram absolvidos e os sol-
dados condemnados. Eu não concordei com
o processo que julgo habitual no Tribunal;
e como entendia que os cabos teriam tan-
tas culpas como os soldados, consegui q.
as penalidades applicadas a estes fossem
diminuídas ainda bastante.

O princípio da autoridade... é o caso
das frases espalhadas por essas paredes
em grandes caracteres impressos por ordem
do governo: « Os chefes têm sempre ra-
zão » — que é a tradução do assêrto ide-
ológico de Mussolini.

Enfim, lá vou influindo conforme
posso q. não desharmonizar mas procu-
rando tornar as sentenças mais humanas.
O juiz auditor é bom homem mas tem a
mentalidade formada em certo espirito
de rigor que nem sempre cedeiz com o da
Justiça como eu a entendo.

Isto é uma grande estofada.

Coimbra.

Novemb.º: 10

Escrevi hoje ao chefe do gabinete do ministro da Guerra solicitando deste uma audiência. Quero acalhar com esta m.ª situação e possivelmente voltar ao Quadro. Não me concentro isto.

Outro assunto:

Quer no Porto quer aqui diz-se certamente que o caso de Brigauca teria sido um incidente esquecido e realizado pelos nacionais-sindicalistas para justificar a tal « ofensiva » anunciada pelo Lazarar. Será assim?

O pior foi que a morte do tenente complicou o problema. Não haveria intenção de matar quem quer que fosse mas sim de provocar um sucesso que justificasse refrescos em geral e em especial sobre republicanos. Tudo é possível quando a Campanha de Jesus manobra na pombara.

Mas o resultado parece ter sido contraproducente porque em vez da consolidação da ditadura, o caso indignou muita gente — e parece que com vantagens para os adversários da situação presente.

Uma emburalhada dos demónios que ninguém entende e que poderá ter más

consequências. Vamos a ver se o Minis-
tro concorda com o meu desejo de voltar
ao Quadro da arma.

Não estou a gostar do ambiente.

Coimbra.

Novembro: 17.

Ante-ontem ta' correu a 9.ª audiência
em que compareceram seis réus.

31) Armando Alberto Alves da Silva,
natural do Porto, sold.º do regimento de Bom-
Vinteiros, em Tancos, antigo serralheiro-
mecânico. acusado de estupro em me-
mor, da vila de Tancos. Já foi julgado em
Vizeu, mas como a sentença não consi-
gnava o dote á rapariga com a qual o réu
já casára, o Supremo Tribunal mandou
lastrar nova sentença em q. se consignas-
se a pena do dote. Assim se fez: mante-
ve-se a penalid.º de Vizeu e arbitraram-
se 6 contos para o dote... Um ovo por um
real. O rapaz tem 19 anos; tipo curioso
de garoto muito moreno, com olhos e testa
mesopolica, arestas muito salientes e nariz
agudo.

32) Mario de Carvalho, 1.º cabo do regi-
mento de Sapadores Mineiros, aquartelado em
Santo Tirso; natural da Campaã, Porto,
23 anos, serralheiro antes do serviço. Acusa

do de abuso de autoridade que se não ju-
rou. Absolvido.

33) Jose' Vieira, sold.º carreteiro do regi-
mento de Inf.º n.º 6, natural de Castelo de Bai-
va, laureador, 21 anos. Acusado de deserção
a seguir a licença.

34) Anibal Jose', sold.º licenciado da 1.ª
companhia de Administração Militar, da
Povoa do Varzim; natural de Castêdo, conc.º
de Alijó, 27 anos, antigo jornaletiro. Maus
antecedentes: furtos, dividas por pagar e
uma deserção. Acusado de deserção pela se-
gunda vez. Outro desgraçado, boêmio, ci-
nico, indiferente perante as complicações
da justiça.

35) Manuel Augusto da Silva, soldado
carret.º do regimento de Infant.º n.º 6. Natu-
ral de Ataíde, Vila-nova, conc.º de Amarau-
te, laureador, 27 anos. Acusado de deserção
e extravio de arbijos. Um inadaptado.

36) Luis Ferreira, civil, trabalhador,
do Fontelo, concelho de Resende (ou Arma-
mar?), 23 anos. Acusado de possuir um
punhal com o qual, embora p.º se defender
duma agressão, feriu um homem do seu
lugarêjo. Questão e desordem sem impor-
tancia; mas como possuir arma proibida
está preso ha um mês na Pelacão e nem
nos termos das leis actuaes, a Conselho de

Guerra. Ao fazer-se a sentença houve discussão porque eu, atrevidamente, parti do principio de que a lei respectiva não se fez p.^a estes casos e de que a posse da arma, em m.^a consciencia, não constitua crime. O juiz auditor argumentou contra e o presidente queria condemnar de modo que eu tive de transpirar em parte eouseguei que a condenação não fosse além dos dias já passados na prisão — e assim foi. O rapaz é o amparo da mãe paralytica e luma irmã menor.

Beizas tremendas.

Disse-me o dr. juiz auditor que o processo do caso de Baragauca a que já me tenho referido, está no Tribunal para ser julgado por nós. Não consideráram o caso politico e apenas rebelião com a agravante do homicidio. O auditor, ao noticiar-me a chegada do processo, dizia-me pacherreitamente:

— Vamos ter um tico de olra, meu tenente-coronel! Um grande tico de olra!...

Eu consoltei-o respondendo a rir:

— Nos casos graves é que se vêem os honreus, sr. dr. Juiz. Para os casos insignificantes toda a gente tem a competencia sufficiente.

Mas eu confesso que concordei com o auditor: realmente vai ser bico de olva e para mim uma enorme esfiça.

Mas adiante.

E agora, outro assunto:

Vim hoje de Lisboa de falar com o Luis Alberto de Oliveira, ministro da Guerra. A carta que mandei em 10 do corrente mandou responder que apparecesse em em 16 ás 17 horas. Lá fui e lá estava á hora marcada. Na sala de espera o mesmo aspecto de ha 20 annos! Um pretendente sentados á espera e a passear, agitado e com ar de contrariado, o aviador Ribeiro da Fonseca. Ao fim de $\frac{1}{2}$ hora, o chefe do gabinete ao abrir a porta chamou, solueamente, pelo meu nome. Entrei.

Por detraz dum biombo que encobre a secretaria ministerial junto da janella, que deita para o Tejo, estava o ministro sorridente e aberto - me os teracos disse-me com o mais alegre sorriso:

— Não tens razão de queixa! Só te fiz esperar a lapatela de meia-hora.

Um grande abraço, afirmações de que se sentia feliz por me tornar a ver, de que já tinha saudades minhas e ainda de que a conversa com um amigo era uma con-

solução para a situação em que se encontrava ali:

— Sempre me arranjaram um emprego!

Eu respondi, é claro, com palavras amáveis como sempre. Disse-lhe que estava ali muito bem, que se conservasse no cargo porque assim era preciso, etc. etc. E a conversa caiu nos temas de Coimbra, nas partidas de rapazes, nos namoros, nas serenatas, etc. etc. e com espanto meu ele disse-me que ainda sabia de cor alguma versalhada minha desse tempo — e começou, com ênfase, a recitar:

« O Liceu de Coimbra é fértil em variedade de caras professorais, raras no género humano!

Vêm-se ali algumas caras de qualidade
Como é, por ex.^o, a cara do Hermano... »

Esqueceu-se de que era ministro e largou as rédeas á fantasia de ha trinta e tal annos. Eu achei graça e vi que a minha pretensão estava bem encaminhada... Com tal ambiente poderia pedir tudo — porque ele não recusaria o que quer que fosse.

Mas, enfim, após estas expansões, explicou-me o meu caso resumidamente e á pergunta dele se eu teria qualquer plano respondi-lhe que desejava que me pas-

passar ao Quadro da arma. Não sei o que se teria passado no meu cérebro; tive certa hesitação, mas passado momentos procurando de um bloco de papel disse muito naturalmente:

— Está bem... Passas ao Quadro.

E escrevi uma nota que entreguei ao ajudante que chamou por campainha p.^a que a desse ao chefe do Gabinete com destino á prox.^a Ordem do Exercito

O caso estava, pois, arremado e eu senti que se tirava um peso de sobre mim — ao mesmo tempo que logo me surgiu um novo ponto de interrupção: o que me irá acontecer ainda, agora que fico á mercê de qualquer catarrice ministerial ou até de um ajudante-general que se lembre de me incomodar?

Enfim, reuinha o que vier. Deste intervalo, enquanto o páu vai e vem, diz a Sabedoria das Nações que as costas não folgamdo... E depois... que diabo! aguardarei o futuro conforme saírem as coisas.

E a conversa continuou ainda; mas eu percebi que ele queria receber o sub-secretário das Finanças que se annunciara e que, por cerimonia, tinha mandado esperar. Eu disse que ia embora, que não queria abusar; ele precipitou-me se eu ima-

ginava que seria real recebido e afirmo
mesu que sempre que eu fosse a Lisboa
o procurasse, etc. etc.

E com abraços do estilo e palavras afec-
tuosas pai. Lá fora, além do sub-secretá-
rio havia outras creaturas q. esperávam.
E pronto.

Coimbra.

Novembro: 20.

Terminei hoje o artigo que me pediram
para abertura do novo anno da Revista Mili-
tar ao qual dei o título de « 1834 »

Está pouco nacionalista e nada "está-
do novo"...

Servirá?

Vou manda-lo e oxalá ele mereça
os 60000 do premio Almirante Osorio...
A não ser q. venha alguma censura e o
mutille ou inutilize.

Seja o que for e o que vier.

Coimbra.

Novemb.º: 22.

Os jornais de hoje trazem a ultima su-
clicca ou pastoral su lá que diabo é, do
ilustre cardeal Cerejeira. Li-a com aten-
ção e mereceu-me que aqui deixasse re-
certados alguns locadinhos de ouro, para

me lembrar, de futuro, quando tiver paciência para reler estas m.^{as} notas, o trabalho da Igreja junto do Estado novo, para levar a água ao seu moirão.

Há contra Cristo, luz ainda de todas as almas bem formadas, um decreto de exclusão. Quasi todos O têm no pensamento e no coração; mas, publicamente, o seu Nome bendito não é pronunciado, como se fosse para nós uma deshonra.

Sabemos bem com que íntima ternura O adoram alguns dos que governam. E a luz que os guia e a força que os sustenta. No Seu exemplo e lição aprenderam a sacrificar-se com alegria pelo bem comum, e d'Ele, certamente, esperam o aplauso e o prémio.

Mas isto não obsta ao facto que apontamos: praticamente, o Estado apostatou de Cristo. A mais alta afirmação pública da sociedade portuguesa, qual resulta do seu regime jurídico, é esta: não devendo

ofender a crença cristã, o Estado funda-se, organiza-se e mantém-se sem Cristo.

Praticamente, é como se se dissesse: Cristo não é necessário à vida social e pública. O homem pode prescindir d'Ele na sua vida colectiva.

Segundo. O próprio Estado, que assenta sobre uma herança de princípios cristãos basilares da nossa civilização, não poderá subsistir, sem que a Acção Católica, alargando o reino de Cristo, sustente e estenda nos espiritos a seiva cristã de que aquele se alimenta.

A força é necessária para manter a ordem social, pela miséria do pecado original; mas não decaiu tanto o homem, que ela não careça de justificação racional para se manter sem tirania.

E depois, mais adiante, ao falar da Acção Católica, tão necessária neste momento, como em nenhum outro, diz com a ingenuidade que todos lhe conhecem e a boa-fé comum às altas dignidades da Igreja:

E' ela que faz a nossa força e a nossa grandeza!

Só porque existe é a afirmação, o triunfo e a garantia da liberdade de consciência no Mundo. Perante o Estado, que tem força, ergue-se pela força da fé, como o obstáculo invencível contra que se quebra todo o vão esforço de absorver inteiramente o individuo corpo e alma, como no mundo antigo.

Quando se levanta contra as pretensões

pagamente totalitárias dos que não queriam nenhum limite ao seu poder—é a dignidade e a independência humana que ela defende.

No dia em que ela emmudecesse, aí de nós! estender-se-ia pelo Mundo toda a mais absoluta tirania. Senhor dos nossos corpos e almas, o Estado imporá a todos a sua marca anónima: o homem passaria a ser formado em serie.

Conclusões de toda esta arenga: que reia agradar á ditadura sem desagradar muito aos republicanos...

Que grandes marôtos... E pensar q. para se libertar o homem da prisão pa-

ecdotal, clerical ou como lhe queiram
chamar — tem morrido tanta gente, ex-
gotado tanta energia e sacrificado tanta
intelligencia!

E tudo cada vez friar...

Crimina

Numero: 25.

Ontem, no Porto, nova audiencia, a 10.^a
com seis processos.

E é no prox.^o dia 27 que vai ser julga-
do o caso de Barapouca, tão falado e discuti-
do; o dia foi marcado confidencialemente
e foram tomadas providencias militares
com todo o cuidado.

Aquella mesma duzia de cabos revoltados
fizeram perder a calça aos nossos gover-
nantes. Nem deram tempo a que os juí-
zes tivessem vista do processo como é de
lei em caso de homicidio, nem se cumpri-
ram outras formalidades legais. Os juí-
zes em julgar o caso — e muito admirado
estão em si me deixarem fazer parte do
juri.

A ver namos.

Os réus de ontem foram:

37) Manuel Ferreira da Costa, soldado
dos Sapadores de Cam.^o de Ferro, desertor por
excesso de licenças e acusado tambem

de extranho de artigos. Natural do Avintes, do conc.º de Gaia, 24 anos, artilheiro-mecânico.

38) Antonio Castro da Cruz, sold.º do regimento de Inf.º 6 quando esta unid.º estava ainda no Porto. Desertar por não comparecer em 1923 em 24 a convocação extraordinária; andou por Marrocos quer na zona espanhola quer na francesa e foi soldado da Legião estrangeira na zona espanhola. Tem 28 ou 29 anos, natural de Argoncêthe, conc.º da Feira. Ueu aventureiro.

...) Joaquim Moreira, sold.º da Guarda Nac.ª Republicana que já foi mencionado aqui em 31 de dezembro e relacionado com o n.º 21. A rapariga que ele desfilou estava presente: uma creançola, esbelta, alvirada, engraçada que se viu ter as peças do processo (mesmo o exame medico-legal que lhe fizeram) com ar agrotado e a olhar com malicia para outras raparigas que estavam nas bancadas. Isto levou a minha curiosidade a ter o processo: o caso passou-se sem opposição dela, antes de comum e bom acordo...

39) Antonio Dias Galvão, sold.º do Grupo de Artilh.º de Montanha n.º 15, do Viadua do Castelo; natural de Gondariz, Arcos do Vale do Vez, 27 anos, lavrador. Accusado de

desertar por se não ter apresentado para
uma escola de recrutas.

40) Francisco João de Fausseca, soldado
do recruta do regimento de Sapadores do
Cam.º de Ferro, natural de Santa Barbara
de Faro, antigo cauteiro, 36 anos — e
ainda recruta! Acusado de desertar pe-
la 3ª ou 4ª vez, não me lembro bem e
embora julgado já incapaz pela Junta de
saude cá veio ao Tribunal... Aspecto de
velho, rosto vincado por sulcos fundos, ar
decaído apesar de certo brilho no olhar.
Outro desgraçado. Diz q. tem desertado p.
poder trabalhar e sustentar a familia q.
é muito pobre e que vive na miseria en-
quanto ele está preso. É certo que esta é
a desculpa de muitos mas tambem é
certo que ela se presta a considerandos
justos acerca do serviço militar. Seja ver-
dade ou não o q. eles dizem o caso é que
o serviço m.º causa estes "criminosos",
e muitos outros. Foi condemnado no míni-
mo possível.

41) José da Silva, sold.º corneteiro do
regimento de Inf.º n.º 8. Natural de S. Pe-
dro dos Maximinos, Braga, 22 para 23
anos, antigo sapateiro. Acusado de ter des-
obedecido ao ferriel mestre-de-cornet.º
do regimento e o ter ameaçado em actos

de serviço. Mais outro desgraçado, mas este é o tipo completo do correccional incorripuel. Má cara, olhar incerto; o crânio esquisito como dois cônes mal feitos unidos pelas bases; testa mu.ª deprimida, rugas do rosto bastante salientes, cabelo cerrado, sobrancelhas espessas e escuras e quasi ligadas aos "malhões" que usa também espessos. Apesar dos 22 p.º 23 anos já esteve deportado em Africa; lá, foi classificado de absolutamente incorripuel e na recd.ª a laya lista de castigos mostra as variadíssimas infracções cometidas e que fazem do desgraçado um mostuario criminal curioso. Foi condemnado no minimo possível.

A mu.ª interferencia constante na organização das sentenças e os comentários q. faço á ~~o~~ Lei e á sua applicação (o que julgo inédito no Tribunal pelo espanto q. causam) fizeram com q. até o coronel Wanzeller me dissesse:

— Este nosso ten.ª-coronel é muito boa pessoa. Estão a ver que é capaz de querer absolver o pappeito Sacaven...

Estão convencido de que a taracha foi dita sem má intenção; mas respondi:

— Eu the digo, coronel... A sentença ha-de ser feita com honradez e com a juo

na que aparecer. Parece-me, pois, ainda cedo para cálculos...

O juiz auditor parecia maliciosamente, e abanava a cabeça como quem aprovava o que eu dizia.

Ora o cap.º Sacavena a que o coronel aludiu foi o chefe visível da insurreição de Barapana que nós vamos julgar na próxima segunda-feira.

Coimbra

Novembro: 26.

O Ferreira Lima em carta de 24 pediu-me confidencialmente informações do tenente de Inf.^a Arnaldo Vitor Marques que se propõe p.^o oficial do Arquivo Historico de que ele e' director.

Eu respondi com franqueza, e como se trata de um dos grandes homens do movimento de 28 de Maio, deixo aqui a resposta, por curiosid.^e, para a historia...

«... O official de que trata tem o curso da arma e tem servido em Coimbra ha muitos annos. A seguir ao movimento de 28 de Maio (de q. foi um dos maiores factores) serviu na policia, esteve administrador do concelho, se me não expaço, em qual quer parte, e se tem me tennido ajudante

dum commandante da Região; mas a bré-
 ue trecho, a sua conduta creou-lhe difficul-
 dades e daí o arranjar saída para o Ultra-
 mar, de onde veio ha pouco tempo. É
 mau chefe de familia, é jogador e pândego.
 A esposa tem-lhe fujido algumas rézes de-
 vido a maus tratos e não me custa que
 elle se interessasse em qualquer tempo por
 assuntos historicos ou por qualquer assun-
 to sério. É parem, no trato, atencioso, cor-
 recto e delicado com superiores. Conclusão:
 é cavalheiro que se quer arrichar em lib-
 tas por já ser m.^{to} conhecido em Coimbra
 por suas proesas — e aí sempre pôde dar
 mais laxas ao seu temperamento e tem
 mais onde gastar o que ganha, o que é da
 mulher (mulher fina e com fortuna) e o
 que porventura aueathou no Ultramar.»

Aqui fica o retrato de um dos grandes
 honras do 28 de Maio em Coimbra.

Porto.

Novembro: 27.

Começou hoje o julgamento do caso de
 Barapuca.

Ao entrar no pátio do edificio vi uma
 força de armas esparilhadas; em cima en-
 contrei já o coronel Wanzeller, de charta-

leiras, no corredor, com cara de caso, preocupado. O proprio juiz auditar andava com aspecto tambem preocupado e logo que me viu disse - me:

— Isto é que é um bico de olta, meu tenente-coronel!

Confesso que me não senti muito preocupado com o que se iria passar e notei, por isso, a preocupação dos outros. Ao mesmo tempo, esperava grande movimento de curiosos e, ao entrar, quasi á hora, não vi nem as soldadesas. Isto é que me fez pensar porque não é admissivel que o julgamento seja ignorado.

Contudo, ao abrir a sessão, já havia alguns curiosos civis e umas senhoras; alguns officiais entraram depois para ver as feras. A sessão abriu com atmosfera glacial e eu fiquei admirado ao ver o principal réu, o tal sapente Saccau que eu julgava um sapentão de certa idade, malandráo, sabido e experimentado, sair-me um rapasinho quasi imberbe, com ar de illu-minado e com maneiras distintas.

O coronel dava ordens severas: não queria ninguém em pé nas coxias da sala, na parte reservada ao publico; não deixava ninguém entrar com bengalas, chapéus de chuva ou qualquer outro objec-

to que pudesse servir para agressão; não deixamos entrar na sala nem por uma porta, etc. etc. — Tudo isto com ar de atrapalhado, de creatura que se não sente bem. E como o sargento commandante da força era um homem muito razoavel que só se preoccupava com as regras do capote e o efeito das leis, houve varias transgressões que o coronel logo mandava corrigir com a respectiva reprimenda no sargento.

Mesmo durante a audiencia o coronel teve attitudes que mostraram bem o nervosismo: interrompia os réus directamente contra o regulamento que manda seja por intermedio do juiz auditor; e as perguntas eram tendentes sempre á accusação. A certa altura reconheceu isso e disse — me em voz baixa:

— O senhor não pergunta nada; e eu é que estou a fazer de feia...

Eu respondi amavelmente:

— Ainda não encontrei motivos para fazer perguntas; tenho formado o meu juizo por grandes dificuldades.

— Mas assim... elas não — de dizer que eu é que sou o malandro...

— Ora... ora...

E o incidente, que me fez certa pena, ficou por aqui. O coronel queria mostrar

ao respeitavel publico a sua intencão de
 cis com o desordem e a revolta, mas não
 tinha coragem de o fazer só, queria accom-
 panhaamento...

Fraquezas dos homens fortes.

Quando o presidente, no começo das
 audiencias é obrigado a dizer aos réus que
 podem alegar tudo quanto seja necessario
 á sua defesa, o sr. Dr. Sacramento preparou
 para se era occasião de dizer o q. sentença;
 como o Wauzeller disse q. sim, o Sacra-
 mento começou um discurso de ataque á
 ditadura para justificar a sua attitude revo-
 lucionaria. O coronel, porém, cortou lo-
 go com certa violencia:

— O sr. só pode responder ás pergun-
 tas que lhe fizer o sr. dr. juiz e não fazer
 discursos.

O rapaz alegou e com razão que as
 suas affirmações da Presidencia não ajus-
 tavam; que responderia ao sr. dr. juiz
 mas julga que poderia livremente fa-
 zer a sua defesa conforme o sr.
 presidente e para isso necessitava explicar
 as razões do seu acto e essas razões iam
 filiar-se no estado actual da politica portu-
 guesa que tirava as liberdades todas...

O coronel novamente e com violencia
 interrompeu o rapaz com ameaças de o

mandar prender e continuar o julgamento.
 peço ele. E dizia-me a seguir, todo nervo-
 so:

— Que tal? o cavalleiro queria fazer
 um comício! Não fez bem?

Entfim, o coronel perdeu a liinha varias
 vezes. Fraquezas dos humores fortes...

No começo da audiencia disse-me ele
 que na vespera estivera umas horas em mais
 com o tripadeiro Schiappa a falar acerca do
 julgamento. O que se teria passado entre os
 dois? A mim, nada confiaram.

Mas o que vejo é que este Wauzeller
 não é homem f. as occasões — e o papel
 do Sacavem vale mais em intelligencia, se-
 renidade e compostura...

E assim correu a audiencia, em ato-
 mosfera de certa facatéz, embora hesada
 — com a qual contrastava o nervosismo
 do presidente.

O defensor quiz, não sei com que fim
 fazer transitar o processo p. o Tribunal
 Especial. Alegou razões de ordem politica
 que motivaram os successos e citou decre-
 tos sobre decretos; o promotor opôr-se
 com argumentos em coisa parecida; o au-
 ditor deu parecer contrario e o presidente,
 como era natural, indeferiu. A audien-
 cia, com sequencia, proseguiu.

Hoje, apenas foram interrompidos os réus; amanhã começa o interrogatório das testemunhas e de certo o julgamento não acabará tão cedo.

O juiz, no intervalo da suspensão e no final, dirigiu-se-me, com o mesmo ar bonacheirão, a perguntar o que é que eu tinha entendido do caso; vejo-o muito preocupado e pareceu-me querer ouvir opinião livre. É possível que a preocupação venha da sua consciência e responsabilidade de juiz se não for por qualquer aperto superior confidencial.

Isto q. aqui fica são as impressões de hoje. Veremos o que há amanhã.

Porto.

Novembro: 29. Manhã.

Deixei a audiência prosseguir e só foram ouvidas quatro testemunhas — e devo já notar que me impressionaram as quatro peças que depozeram: dois papetes e dois soldados.

São transmontanos todos, dos arredores de Bragança; têm um ar decidido; rudes, mas energicos; expozeram com certa prolixidade, com um farejo muito interessante e alguma tanto retórica; argumentaram bem com a defesa quando

está os aperta e ás vezes tomava um tom intimidativo de coaricção.

Foi para mim novidade esta maneira de falar, especialmente em Tribunal e de ser natural que estivessem acanhados.

De todos, o que mais impressionou foi o 1.º sargento da guarda na noite dos acontecimentos, chamado Tavares, de Freixo-de-Espada-a-Cinta. Decidido, claro, firme em tudo o que dizia.

Os jornais do Porto, de ontem, traziam apenas a notícia de que a audiência começara e a nota da constituição do Tribunal — por sinal que me alteram, extraordinariamente o nome: Belizano e Belizani, como nos romances de Cavalaria ...

Os jornais de Lisboa não li. Mas o mais curioso é que vejo hoje em todos uma nota oficiosa do Governo sobre revoluções e defesa da ditadura em que vem este passo:

Mas depois de se vencerem todas as que foi possível aos inimigos fazer eclodir, o verdadeiro interesse do país já não está mais em vencer, mas em evitar, em não ter que vencer. Assim se decidiu, e começaram de fazer-se algumas prisões.

Esta attitude e a aproximação das eleições na Espanha, levaram

os dirigentes do movimento revolucionario a precipitar os ultimos preparativos, mas um dos sectores, com características especialmente perturbadoras, chamou a si a gloria e os proventos, antecipando-lhe como autor e fez a sublevação de Bragança prontamente reprimida pelas restantes forças da unidade.

O que é que isto quer dizer? O rector de Bragança ... Enfim, que fez a nota lá

ralta — mas se o caso é político porque é que este processo veio para tribunal territorial?

Conclusão: as audiências caíram e eu, para distrair, fui depois do jantar ao Teatro Sá de Bandeira ver a revista Porto á vista da companhia de Beatriz Costa. Foi pa alegre, para fazer dormir bem.

É nota curiosa:

Do Quartel-general preguntaram-me varias vezes pelo telefone quando é que terminava o julgamento; e pela tarde, novas perguntas acerca da duração da ju.ria sessão q. estava correndo. Estão com pressa...

A certa altura, chegou uma nota confidencial ordenando que qualquer que fosse o resultado do julgamento, nenhum não seria posto em liberdade sem ordem superior... É quasi ás 7 h. da tarde, veio-me uma ordem telefónica para que o coronel presidente fosse falar com o command.^{te} da Região logo que terminasse a audiência.

Com estas ordens e perguntas constantes, havia a impressão de qualquer coisa periposa e oculta.

Julga o coronel que o Quartel-General deseja que o julgamento termine hoje, embora a sessão seja pela noite adiante.

Vamos a ver como corre a audiência de hoje. Ela decidirá.

Na sessão de ontem via-se na assistência, quasi sempre, o ajudante predilecto de Crispin: Schiappa; de certo não estaria por mera curiosid. pessoal.

A' noite:

Na sessão de hoje terminou a inquirição de testemunhas e auctoria concederá os debates.

A sessão correu na mesma atmosphé-
ra de nervosismo, embora o coronel presidente estivesse mais calmo. As mesmas disposições reparosas quanto a entrada de civis. A sala apinhada de gente; as bancadas do estrado cheias de officiais que serviam com ironia os esforços da defesa p.^a esclarecer certos factos.

A certa altura chegou uma nota do Quartel-general urgente e confidencial; o Wanzeller chamou o official comandante da guarda de honra e mostrou-lha; o official saiu logo e esteve fóra bastante tempo. O que teria havido? No final, o coronel, sem querer, deu a entender que a nota era relativa ao conhecimento que houve no Quartel-general de que, nas escadas e corredores do Tribunal havia grande aglomera-

raças de gente; mas o oficial verificou que havia uma ou duas dúzias de indivíduos que esperavam na sala... Depois, quando ouvi isto, lixei que á mesma hora a que chepara a nota, entrava na sala o oficial ou chefe de "policia de informações," no Porto — o qual me honrou com olhares constantes e presencitaderes.

Seu medo que esta gente tem de uma coisa que creio não valer nada! O grupo de civis que esperava o carião p.^o entrar na sala já lhes parecia uma nova revolução em marcha!

E agora, com uma nota alegre — para quem tudo ser tristeza...

Um dos sargentos de Infant.^o n.^o 10 que meiu como testemunha de accusação chama-se Péricles, de baptismo. O coronel Wausel ler reportou com o nome:

— Seu diabo de nome!...

E voltando-se p.^o meiu:

— O senhor já encontrou alguma com este nome?

— São nomes á brasileira, respondi eu. No Brasil é que usam assim nomes esquisitos...

— Seu diabo!... Eu nunca vi este nome!... Sempre ha cada um...

Mas confirmou-se com o caso que

Teve o seu lado comico e confaruseu-se, tambem, com a sua ignorancia.

Felizmente, o dia terminou com um belo e distinto jantar em casa do Calixto Mendes, em V.^a Nova de Gaia. Este rapaz que começou por recolher do concelho de Miranda do Corvo, onde o conheci, e' hoje inspector de Financas e pertence á constelacão de inspectores q. rodeia o Palazar e é honraram rico no concelho de Gaia e no da Vila de Faina por virtude do casamento com uma senhora (que achei distinta e simpatica) filha do falecido professor universitario dr. Roberto Alves.

E' honraram feliz, creio eu. Não tem encargos de familia; acolda-se facilmente a todas as circumstancias da vida; põe de lado o obstaculo dos Principios e ... tem fortuna sufficiente para viver á larga.

Pronto.

Coimbra.

Dezembro: 1.

Terminou tudo entem, cerca das 23 horas e 20 minutos. Fiquei sem jantar, que si não dormi, extenuado como estava naturalmente.

Mas, como diria o veneravel Courseheiro Acácio espetando o dedo:

— Faz-se justiça!

Polere justiça e ... poleres juizes! ...

Começou porque o processo veio para este Tribunal (segundo o brigad. Schiappa confessou ao Wanzeller) para o tirar do Tribunal especial onde teriam os seus uma condenação inferior a quella que poderiam ter neste que só julga crimes essenciaes.¹ militares.

Depois, a grãssa do brigad. em terminar o julgamento, veio olhar a certas folhas que não se podiam pôr de parte. Confessou o Wanzeller que no final da segunda audiencia, o brigadeiro lhe dissera um pouco admirado pelos nossos vagares:

— Que diabo! Os senhores estão a perder tempo com um caso tão simples!

E outras frases no mesmo genero.

Depois, ainda, o caso do pap.º Sacanenem estar, até ha pouco, preso na "policia de informações"; só ha dias transmittiu para a Casa de reclusão e incomunicavel, desde a rebelião.

Em Barpança, dentro do quartel de Infant.º 10 ao mesmo tempo que se levava o processo militar, formava-se outro processo pela dita "policia de informações", como dona da casa...

Etc. etc. E muitas coisas mais.
 Ora bem: já agora, vou procurar re-
 constituir os successos conforme conclui
 do processo e do julgamento — para dei-
 xar aqui memoria tão exacto quanto pos-
 sivel deste desagradavel passo da minha
 vida.

O 1.º carpente Manuel Duarte Saca-
 menu era o principal agente da revolta. Es-
 tava com baixa ao Hospital militar de Bra-
 gança e de lá reunia tudo por intermé-
 dio do 1.º cabo enfermeiro do mesmo hospi-
 tal Arnaldo da S.ª Teixeira, natural do Lor-
 delo do Duro, bairro occidental do Porto, casa-
 do, com 26 annos e archivo caixeiro. Este 1.º
 cabo fugiu a tempo e por consequencia
 não foi julgado.

O Sacamenu aliciou varios cabos com
 quem vivia na melhor harmonia; e con-
 tinou as coisas p.ª a meia-noite de 26 pa-
 ra 27 de Outubro.

Um pouco antes da hora, desceu do
 quarto onde estava, por uma escada de mão
 com o auxilio do enfermeiro e dirigiu-se
 ao quartel a cujo portão bateu para falar
 ao 1.º carpente de guarda. A porta não se
 abriu logo e como o chamamento do seu
 sinela desse ou provocasse qualquer suspei-

ta, o oficial de dia saiu fora para ver o q. havia.

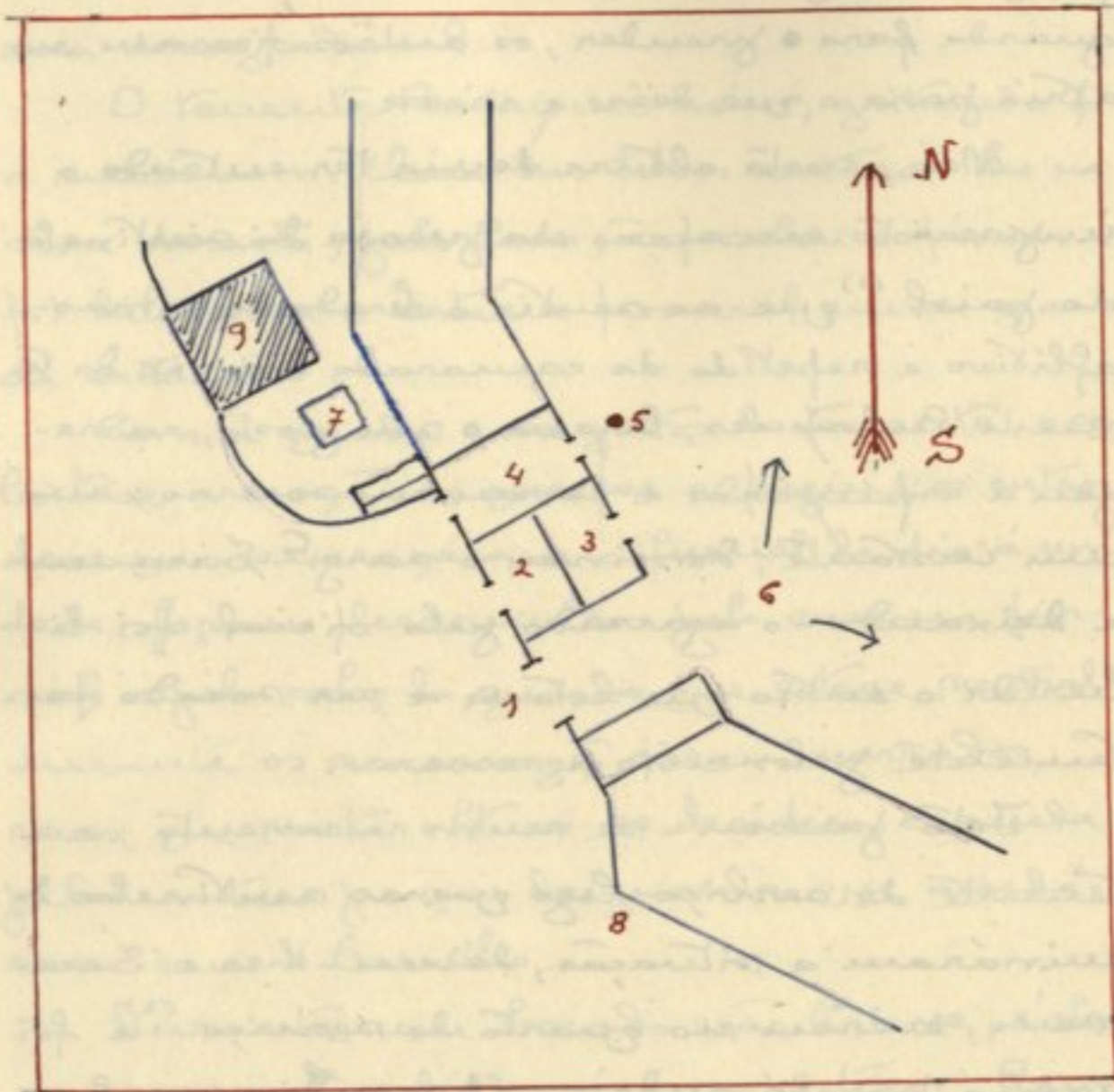
Paralelamente, os conjurados, em especial tres cabos⁽¹⁾, estavam armados, protegidos pela escuridão, num canto da parede, á espera da chegada do Sacavem.

O oficial de serviço ao sair fora pela porta do quarto que deita para a rua e ao ver o Sacavem, perguntou-lhe o que queria ao mesmo tempo que, recuando á esquina da S.E. do quartel (o n.º 8 da planta adiante) uns vultos suspeitos, disse á sentinela q. fosse ver quem eram esses homens e os mandasse afastar.

O Sacavem, aproveitando o momento, lançou-se ás costas do tenente e indistintamente a ultrapassar-se sem resistencia enquanto que a sentinela, ao chegar á esquina do muro foi aparrada pelos civis. O tenente lutou com o sarpeuto do qual se não conseguiu livrar logo e a sentinela atacada levou ás armas repetidas vezes sem que os civis conseguissem evita-lo.

Ao ouvir este barulho, os tres cabos resolveram proceder logo e cada um foi para o local que lhes estava destinado. Um

(1) São os 2.º, 3.º e 4.º que adiante não mencionados na devida altura.



- 1 - Porta das armas.
- 2 - Casa da guarda.
- 3 - Quarto do sargento da guarda.
- 4 - " " oficial de serviço
- 5 - Local onde caiu o ten.º Rodrigues
- 6 - Parada do quartel
- 7 - Paiol
- 8 - Local onde foi atacada a sentinela das armas.
- 9 - Torre de recargarem do antigo castelo.

foi para a porta do quarto do sargento da guarda para prender, os outros ficaram no atrio para o que deise e viesse.

Mas, nesta altura devia ter entrado o imprevisto em accão na pessoa da sentinela do paiol⁽¹⁾ que ao sentir o terado de armas affetivo e repetido do camarada e a voz do tenente Rodrigues, largou o seu posto, carregou a espingarda e correu em socorro; em um instante, dominou o sarg.^{to} Sacacuen e deixando-o agarrado pelo official, foi libertar o outro que estava a ser socado fortemente pelos civis aggressores.

Toto passou - se num momento; e o tenente de serviço logo que as sentinelas do mináram a situação, deixou - lhes o Sacacuen, entrou no quarto de serviço⁽²⁾ e foi sair á parada onde surpreendeu o cabo, de arma cruzada, á porta do outro quarto a ameaçar o 1.^o sargento da guarda que, durante esse momento, esteve coacto como na audiencia confessou.

Orá o cabo, vendo sair o tenente, fez um quarto de volta e (diz ele) vendo um vulto com pistola nas mãos, pôz a espingarda á cara e disparou duas vezes.

(1) da planta, e' o n.^o 7.

(2) Idem, o n.^o 6.

É o momento culminante deste drama desagradavel.

O Tenente Rodrigues caiu, gritando q. o matavam. Uma das balas entrou-lhe na coxa direita, pelo lado, esfacelou o fémur e foi dilacerar a artéria femoral numa grande extensão.

Com a queda e os gritos do Tenente, o cabo teve a noção do que fez e fugiu; os outros dois que ameaçavam o furriel de dia á unidade, foram desarmados pelo mesmo furriel e pelo cabo da guarda que esteve neutro durante os successos q. foram narrados, mas que nesta altura se decidiu, e ainda pelas outras praças da guarda que acorreram com o barulho.

Durante um bocado não houve, e claro, perseguição; dispararam-se tiros, houve correrias, berros, etc. etc. É só um soldado da guarda, ao ver o Tenente caído, foi para o pé dele, gritando que viesse alguém ajudar a transportá-lo para a cama.

O official de ferroita só appareceu depois de tudo liquidado e então para fazer de heroi. Era certo Tenente de nome Brazão que levantou o auto e apresentou um relatório maravilhoso.

Na sua linha geral os factos foram estes. As duas sentinelas exteriores fo-

raem as creaturas que sobreviveram na balburdia; e pelo ar de fidelid.^o e honra-der o soldadito que carregou a espingarda e ajoelhou ao pé do official ferido para o guardar de mais ataques.

Agora, vamos ver os homens que representaram o drama.

Esta audiencia foi a 11.^a e o processo presente é o 35.^o do quadrimestre.

Os réus foram onze:

42) Manuel Duarte Sacavem, 1.^o sargento cadetê do regimento de Inf.^o n.^o 10, n.^o 652 de matrícula. Antigo aluno do Instituto dos Pupilos do Exército. Tem 25 anos, mas de apparecia quasi imberbe; maneiras finas, de rapaz educado. Natural de Coimbras, conc.^o de Loures. Fala com facilidade e correção; tem certo ar de illuminado na attitude e na maneira de falar, o seu quê de mystico. Foi o chefe da conjura, confessou ter ideias comunistas; e na defesa que quiz fazer ainda conseguiu dizer que o seu intento era despertar a nação e o exercito para uma mudança de situação politica no sentido constitucional; que o movimento era proprio porque todo o país está descontente e desejoso de se acabar com a situação illegal da ditadura e que a sua

convicção era de que faltava alguém que tivesse a coragem dum acto de audacia que conseguisse despertar o País. E quanto á legalidade do seu acto, afirmou que num regime em que não ha qualquer especie de liberdade nem direito a qualquer afirmação de opressão, o recurso á rebelião é o unico a que um homem que pense deve recorrer. Chamou sobre si todas as responsabilidades e afirmou que nos seus planos não entravam violências e muito menos a ideia de matar quem quer que fosse — o q. recomendára insistentemente aos cabos. Quasi não convivia com os sargentos do regimento e a constante convivência com os cabos a quem apontava a mãos frequentemente, tornáram-no suspeito. Creanceira? já intenção de os captar para a rebelião? Estudava engenharia no Ins. Técnico Sup.^o Técnico em Lisboa; era estudante classificado; mas as suas ideias que facilmente expandia tornáram-no conhecido de policia que promoveu a transferência p. Bragança, ao alreio das disposições regulamentares relativas aos estudantes militares. E a transferência deu esta es-
tranhada toda...

43) Coronel Rodolfo Mascarenhas,
t. cabo n.º 670 E do regimento de Infant. n.º 10.

Natural de Agrochão, conc.º de Vinhais; 21 anos, antigo caixeiro. Tem aspecto grosseiro, arçulo facial bastante pronunciado, testa alta, perfil supercilioso, olhos claros e carregados. Falava com facilidade. Foi o autor da morte do Tenente Rodrigues e o que ameaçou o 1.º sargento da guarda com o qual chegou a lutar. Conta o que se passou com repetição como se se tratasse dum caso manual. Na segunda sessão manteve ar de cinismo desagradavel. Foi, no drama, a figura feroz não só pelos actos praticados que commettou mas tambem pelas palavras empregadas e ameaças proferidas.

44) João Francisco Banulo, 1.º cabo n.º 557 E do regim.º de Inf.º n.º 10. Natural de Parârnio, conc.º de Bragança; 25 anos, baixo, bem conformado, olhar azulado, vivo; aspecto de rudeza. Exprime-se com facilidade, querendo dar apparencia de tolo que, afinal, deve vir de esportera misturada com maldade. Foi este que, com a arma armada de baioneta ameaçou o ferriel de dia ao regim.º e o ia ferindo; retirou-se quando viu tudo perdido, com a mira de escapar.

45) João Fidalgo Afonso, 1.º cabo n.º 573 E, do regim.º de Infant.º n.º 10. Natural de Izêda, Bragança; 22 anos, anteriormente

estudante do Seminário Braziliense. Está
tura morena, morena, osada; testa um
pouco deprimida; boca rasgada que lhe dá a
expressão decidida. Os olhos não desentrem
cada. Fala com firmeza, rudemente, mas
claro; lança as frases com ligeiros intervalos,
um pouco aos solavancos e argumenta com
reptos de teologia mas sem deixar de mos-
trar dureza de sentimentos.

Foi o que acompanhava o cabo anterior
no ataque ao ferriol de dia e foi o que tem
tem manter em respeito as graças da guar-
da. Como viu, a certa altura, que não ha-
via quem tomasse conta do movimento,
e lhe pareceu tudo perdido, fugiu, atirou
a espingarda para o telhado e meteu-se
no fôrro duma caserna onde foi preso.

A sua defesa foi curiosa pela energia e
firmeza com que a fez; parecia pessoa ha-
bituada a falar em publico. As observa-
ções do juiz auditor acerca da legitimidade
das ordens do 1.º sargento Sacavenem, respon-
deu firmemente:

— Desde que me comprometi a cum-
prir a missão de que me encarregou o
nosso 1.º sargento, eu, desde a hora mar-
cada no' considerarei legitimas as ordens dele.

E explicou, depois, na esteira do Saca-
venem, que era necessario fazer interessar o

Pais pelos negócios públicos e que estava convencido de que a acção «dos cabos de Barapauca» seria compreendida e encontraria chefe que a dirigisse. E isto foi dito com tal dureza de expressão e solenidade de gestos que me fez pensar maduramente e com alguma tristeza.

46) Antonio Gomes dos Santos, 1.º cabo n.º 572 E do regimento de Inf.º n.º 10. Natural de Barapauca, 21 anos, antigo praticante de farmacia na cidade. Alto, sobre o nariz; crânio alongado, nariz grosso e um pouco saliente; face um tanto papuda, ar acanhado e acanhado.

Estava dentro da conjura e assistiu a reuniões; mas na noite da revolta estava de guarda ao quartel do regimento de Infantaria n.º 30 e quiz trocar a guarda com o que devia entrar no de Inf.º 10, mas não foi autorizado. Falava com acanhamento e com poucas palavras.

47) Antonio da Cruz Pires, 1.º cabo n.º 537 do regim.º de Infant.º 10. Natural da Soeira, conc.º de Vinhais, 21 anos, laurador. Baixo, crânio redondo, maçãs salientes; ar caído, sem expressão, mas sei se por mera esportezia. Na ultima sessão pareceu-me ver-lhe no olhar, uma expressão má, inquieta, de certa ferocidade. Es-